

Nicolau Araújo Vergueiro

Organizado por:
Marinês Dors
Marco Antonio Damian

Memórias do Dr. Vergueiro
Volume 6
transcrito



2011

NOTA do Projeto Passo Fundo

O presente trabalho foi digitado e organizado por: **Marinês Dors e Marco Antonio Damian** e gentilmente disponibilizado nas páginas do Projeto.

Os originais são 8 volumes manuscritos, redigidos pelo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, entre 11/07/1935, data de seu primeiro relato, até 3/11/1937, data de seu último texto.

Algumas palavras podem estar redigidas na grafia da época, podem conter erro em virtude da interpretação da grafia manuscrita original ou por simples erro de digitação.

Pedimos desculpas e agradecemos às contribuições que recebermos.

Os 8 volumes, digitalizados dos originais, que se encontram no Acervo Nicolau Vergueiro sob a guarda no Arquivo Histórico Regional, onde os interessados poderão manusear os próprios livros, estão digitalizados e disponíveis na página do Dr Nicolau, neste site.

Estes livros chegaram ao Projeto Passo Fundo, pela generosidade do Sr. Nicolau Vergueiro Malheiros, neto do autor, que houve por bem, abrir a sala que a 50 anos permanecia fechado a pedido do Dr. Vergueiro, liberando seu acervo para conhecimento da comunidade.

Estes volumes e outros, especialmente os de autores Passo-fundenses e muitas Leis e Atos promulgados pela Intendência de Passo Fundo, foram digitalizados, alguns foram também digitados e transformados em PDF, para melhor acesso às informações.

Estes trabalhos estão disponíveis no site do *projetopassofundo.wiki.br* para cópia gratuita.

Todo o acervo do Dr. Vergueiro foi entregue aos cuidados do Arquivo Histórico Regional, onde estão, também, a disposição de interessados.

O extenso acervo do Dr. Vergueiro, disponível para pesquisadores e historiadores, ainda não foi desvendado definitivamente. Este trabalho é apenas um pequeno esboço do que se dispões para estudo e, agradecemos o interesse de nossos utilizadores e conclamamos aos estudiosos para que se debruçem sobre esta rica fonte de pesquisa, para trazer mais e mais luzes à história de nosso primeiro século de existência.

Com nossos cumprimentos

Sumário

2011	1
214 DISCURSO NA ESCOLA COMPLEMENTAR pg. 1.....	5
215 DISCURSO EM A LUTA pg. 18	12
216 UMA CARTA INTERESSANTE pg. 21.....	13
217 ARMANDO B. CASSAL pg. 26.....	15
218 FRANCISCO FURASTÉ pg. 27	16
219 LEDA BRASIL pg. 29.....	17
220 ANIVERSÁRIO DO RUY pg. 30	18
221 OLIVEIRA MESQUITA pg.31	18
222 CONFUSÃO COM APÊNDICE pg. 32	19
223 UMA CARTA AO CÚRIO pg. 35.....	20
224 AFOGAR O PALHAÇO pg. 38	22
225 PEIXE PODRE pg. 39	22
226 POÇO E SAPOS pg. 42	23
227 UM CRIME EVITADO pg. 44.....	24
228 PROPOSTA INDECENTE pg. 47.....	26
229 PLANO QUE FALHA pg. 50.....	27
230 DUAS CARTAS COMPROMETEDORAS pg. 52.....	28
231 UM INCÊNDIO pg. 55.....	30
232 UM CASO SEMELHANTE pg. 58.....	31
233 HERCULANO DE QUADROS pg. 60	31
234 NOTAS PROMISSÓRIAS pg. 65	34
235 DESEJA CONFESSAR-SE pg. 66.....	35
236 UM FUZILAMENTO MALOGRADO pg. 69.....	36
237 SANTA THEREZINHA pg. 71	37
238 UM MELÃO pg. 74.....	38

239 UM INCIDENTE COM O DR. BORGES pg. 76.....	39
240 UMA CIRCULAR pg. 86.....	43
241 UMA CARTA DE AGRADECIMENTO pg. 89.....	44
242 UMA OUTRA CARTA pg. 92.....	45
243 SOBRE O MEU ANIVERSÁRIO pg. 94.....	46
244 OUTRO ANIVERSÁRIO pg. 99.....	48
245 PARA PONTA-GROSSA pg. 102.....	49
246 PRIMUS INTER PARES pg. 108.....	51
247 A REVOLUÇÃO DE 1930 EM PASSO FUNDO pg. 111.....	52
248 CARTAS DE MEU PAI pg. 137.....	61
249 MAIS UMA CARTA pg. 142.....	64
250 UMA APRESENTAÇÃO POLÍTICA pg. 145.....	65
251 UM VOTO DE PESAR pg. 148.....	67
252 O SEU SUBSTITUTO pg. 152.....	68
253 UM AGRADECIMENTO pg. 155.....	69
254 INGRATO E LADRÃO pg. 161.....	72
255 ANO BISSEXTO pg. 163.....	73
256 CARREIRAS pg. 164.....	73
257 RINHAS DE GALO pg. 170.....	76
258 CAIXA DE TROCA pg 174.....	79
259 CLUBE PINHEIRO MACHADO pg. 176.....	80
260 RELATÓRIO DO CLUBE PINHEIRO MACHADO pg. 179.....	81
261 PAULO BREVANE pg. 189.....	85

214 DISCURSO NA ESCOLA COMPLEMENTAR pg. 1

Como paraninfo da primeira turma de alunas mestras da Escola Complementar, desta cidade, pronunciei, em 2 de Abril de 1932, no salão nobre d Clube Comercial, por ocasião do ato solene de colação de grau, o seguinte discurso, que foi publicado, na íntegra, pelo jornal A Luta, n.º 94:

– Honra excelsa para mim a de paraninfar a primeira turma da Escola Complementar de Passo Fundo.

Agradeço, imensamente feliz, essa distinção tão grande, sinto-me deveras orgulhoso por havê-la recebido, e não escondo esse orgulho. “Os charlatães da modéstia são os piores de todos” já sentenciava Heine. É a mocidade sadia, cheia de viço, sempre sincera e que nunca sabe disfarçar nem fingir, amante da Beleza e da Verdade, do Belo e do Bem; é a mocidade estudiosa, roseiral em flor, que assim me cerca com a sua leal benevolência; é a mocidade iluminada e inteligente que me circunda com a sua espontânea simpatia; é a mocidade, sol do meio dia, que me acaricia com seus brandos e vivificantes raios; é a mocidade, eternamente boa, sonhadora de alegrias e carinhosa, que me proporciona o doce e inefável prazer desse enlevo infinito; é a mocidade, fonte cristalina e pura, que me da a beber, neste instante memorável, a água deliciosa de uma amizade confortadora.

Eu vos saúdo com toda a efusão de minha alma, “e oh! Brancas mãos patricias, que tendes o segredo de carícias e que ninguém mais conhece” eu vos beijo ardente, fervorosa e gratamente.

Quantas evocações e quantas saudades despertam-me esse vosso valioso dia! Já senti o frêmito desse mesmo júbilo, a vibração desse mesmo contentamento, quando da minha formatura em medicina, há mais de 26 anos.

Moço, cheio de vida e de esperanças, de ilusões e de alegrias, enveredei, amorosamente, procurando a querida terra natal, por uma nova estrada, firme nas minhas convicções e confiante serenamente no futuro, pois que colimara sempre o Bem e procurava sempre a Verdade.

Nessa longa jornada percorrida tive instantes de satisfação imensa, minutos de dúvidas e incertezas, horas de profundo pesar...

Quantas vezes senti a minha pequenez diante da grandeza do mal inevitável; quantas vezes, de braços cruzados, percebi a inutilidade dos meus maiores e melhores esforços; quantas vezes, porque também tenho coração e alma, lágrimas amargas, de desespero e de dor, correram-me furtivamente, pela face, no silêncio santo dos hospitais, na sala longa, fria e anônima da pobreza; quantas ingratidões hei caladamente sofrido, quantas injustiças e decepções tremendas, resignadamente tragado. Mas tudo isso não me trouxe ao espírito o desânimo cruel, a descrença maldosa, o ceticismo desolador. Não, nunca!

Acalentei, desde moço, um ideal alevantado e por ele hei, com constância, combatido: o bem contra o mal, a verdade contra a mentira, a virtude contra o vício, a luz contra a treva, a sabedoria contra a ignorância, a vida contra a morte. Jovens: terminam hoje os vossos estudos colegiais; começam amanhã outros trabalhos, outras obrigações, outro viver.

Passais dos bancos escolares para a cátedra de professores.

Meditai, vede: a vossa responsabilidade é bem maior; tendes, no silêncio dos gabinetes, no estudo dos melhores autores, resolvendo novos problemas, pesquisando e selecionando métodos, de aperfeiçoar, hora a hora, os vossos conhecimentos para transmiti-los a outras gerações.

A vossa profissão é também um sacerdócio: tendes que ensinar e educar, e educar, como disse Alves Mendes, é diminuir a estatística do mal e aumentar a crônica do bem, ou ainda, como afirma Pestalozzi, educar é gerar energias.

À propósito, o eminente Dr. Oswaldo Aranha, em um dos seus relatórios, quando secretário do interior deste Estado, vazou os seguintes e admiráveis conceitos: “Alfabetizar não é educar: é apenas ensinar. O Estado precisa educar e ensinar. A escola não deve ser unicamente uma casa de ensino, mas uma casa de educação. A criança precisa aprender a ler, a viver e a trabalhar, na escola. É mais útil a sociedade aquele que sabe ler sem saber viver a trabalhar, do que aqueles que sabem viver ou sabem trabalhar mas não sabem ler. O doente, ou o vadio,

ainda que saiba ler, escrever e contar é sempre pernicioso à sociedade, porque não aprendeu na escola a viver e a trabalhar. A escola moderna transformou a escola antiga, a velha escola primária de letras, em uma verdadeira oficina de aprendizagem social. A escola, hoje, deve ser uma casa de atividade, de experiência, de trabalho, e na a mansão dos alfabetos”.

Esses conceitos constituem o ideal da instrução, e efetivá-los seria o máximo das nossas aspirações. Mas sejamos idealistas e não ideólogos, saiamos do puro lirismo estéril para o terreno prático das realizações produtivas; estudemos o assunto em face das nossas possibilidades e mais urgentes precisões, realizando o que está ao nosso alcance e o que é possível. Alfabetizar já é uma grande obra benemérita. Ensinando a ler e a escrever teremos contribuído com uma extraordinária parcela para o desenvolvimento e o progresso do nosso querido Brasil.

Como sequência natural, como corolário certo, o resto virá depois. Aquele que sabe ler aufere conhecimentos que naturalmente o obrigam ao trabalho racional, produtivo e eficaz, tanto mais necessário quanto mais prementes são as dificuldades da vida atual.

Em assunto de instrução pública é bem apreciável o nosso progresso.

Neste, como em todos os outros Estados da União, os governos muitos se tem preocupado com o momentoso assunto. O analfabetismo, quand mêmê, é a nossa maior doença. Nesse particular surgem medidas severas. Precisamos combatê-lo por todos os meios e por todas as formas.

Aqui em Passo Fundo, neste pequeno cenário, já se tem feito muito e conseguido muito, mas não se tem feito o bastante e conseguido o bastante.

Em 1922, tínhamos 98 aulas com uma matricula de 5.083 crianças; em 1924, 119 com 5.359 alunos; em 1929, 159 escolas com 8,032; em 1930, 160 com 8.042 e 1931, 97 com 5.096. Esse decréscimo foi a natural consequência da desanexação de 6 distritos para ser criado o novo município de Carazinho. Observemos as despesas do município com a instrução:

Ano	Valor
1920	979\$000
1921	3.100\$000
1922	10.350\$000
1923	3.500\$000
1924	9.100\$000
1925	9.700\$000
1926	15.600\$000
1927	21.600\$000
1928	28.500\$000
1929	32.590\$000
1930	44.800\$000

Esses dados nos demonstram os esforços e a boa vontade dos dirigentes administrativos de Passo Fundo a respeito desse magno problema, que, por certo, continuará a preocupar grandemente a sua atenção.

Em Passo Fundo, em 1920, não tínhamos o Instituto Ginásial, o Colégio Nossa Senhora da Conceição, o Colégio Notre Dame, a Escola Complementar, o Grupo Escolar do Boqueirão, a Escola dos Vicentinos e outros. Tínhamos apenas o Colégio Elementar, que funcionava, com matrícula insignificante, em um prédio miserável.

O Rio Grande do Sul dispõe presentemente, segundo nota do jornal oficial “A Federação” de 19 de Março último, de 9 estabelecimentos de ensino superior, freqüentados por 674 alunos: os cursos especializados acusam uma frequência de 2.635 candidatos a comércio superior, agronomia, filosofia, belas artes, etc.

O ensino elementar é atendido por 102 colégios e grupos escolares, 402 escolas isoladas estaduais, 135 federais, 2.055 municipais e 1.425 particulares.

Temos feito muito, sim, mas, diante da magnitude da matéria, esse muito não é tudo e é pouco ainda.

Conjuguemos os nossos esforços, batalhemos sem cessar, batendo diariamente na mesma tecla e haveremos feito algo de valor, e que nos recomenda à consideração e o respeito da gente futura.

Abençoada a função do professor! Lembrai-vos das célebres palavras de D. Pedro II: “Se não fosse imperador, desejaria ser professor”.

A instrução é o pão intelectual da vida.

Dar combate, sem tréguas, à ignorância; iluminar o espírito; abrir, por assim dizer, o caminho de cada um na vida; plasmar o caráter, dando-lhe ânimo e entusiasmo; cultivar a inteligência; plantar a semente de modo que germine uma flor e não uma erva daninha; fazer de cada pequenino ser um ente bom, útil, aproveitável, digno de si mesmo, da sociedade, da família e da pátria.

É nobre e elegante a vossa missão. Saber exercê-la é uma arte, e das mais difíceis.

A instrução pública, como pensa o professor Aurélio Py, em seu brilhante trabalho “Inspeção médica escolar” é o padrão aferidor do progresso e grandeza de uma nacionalidade.

Além da vossa ilustração, são necessários diversos e grandes requisitos.

A severidade no cumprimento do dever, o rigor no vosso mandato não excluem, por certo, uma das maiores belezas da alma: a bondade. É preciso instruir com paciência bíblica e com muita abnegação, medindo a capacidade intelectual de cada aluno, derramando ciência e instilando alegrias, auscultando as inclinações naturais de cada qual, semeando habilmente flores, desenvolvendo aptidões, praticando o bem, corrigindo defeitos, dando exemplos dignos, ensinando a caridade, mas sorrindo sempre.

Marden, na “Atitude Vitoriosa” asseverou que “deviam ensinar as crianças a contarem com o êxito e com a felicidade, a acreditarem que lhes pertencem todas as coisas boas deste mundo.

Assim se vai formando, pouco a pouco, o caráter, desenvolvendo a inteligência, aprimorando sentimentos, em uma atmosfera de oxigênio puro, diante da confiança sadia que em nós mesmos, antes de tudo, devemos depositar.

Já vai longe a época em que o professor era, com a sua medonha carranca, com a brutalidade dos seus gestos, com a sua palmatória execrável, o espantinho das escolas, o terror das crianças, o pavor dos meninos.

O mestre tem que cultivar o amor, captar amizades, brincar com as crianças, ensiná-las a brincar, ser bom, alegre, sorridente, dedicado, honesto e justo.

E justo, repito.

Sobre a “Amargura da injustiça”, Ruy Barbosa, entre outros conceitos lapidares, assim se expressou: “Não há sofrimento mais confrangente que o da privação da justiça. As crianças a trazem no coração com os primeiros instintos da humanidade, e se lhes magoam essa fibra melindrosa, muitas vezes nunca mais a esquecem, ainda que a mão, cuja a aspereza as lastimou, seja a do pai extremo, ou a da mãe idolatrada. Esses ressentimentos sobre os quais se retraem como em derredor de um espinho enquistado nos tecidos mais sensíveis da alma, as impressões decisivas da vida, podem atravessar uma existência inteira”. “Um dia, conta o astrônomo Flammarion, um dia me obrigou meu pai a estender a mão para apanhar algumas reguadas. Acreditava ele haver eu quebrado uma caçarola de barro, e eu lhe insistia que não. Estava eu, a esse tempo, nos meus sete ou oito anos. Fundido e estragado se achava, realmente, o vaso, de belo esmalte verde; mas não era minha a culpa. Assim recebi a correção com um sentimento de tal azedume concentrado, que nunca o esqueci, e, mais de quarenta anos depois, esse memorável quadro infantil se me representou aos olhos junto do leite de agonia de meu pai. Os meninos são antes de tudo, acrescenta o sábio, perfeitamente justos quanto a si mesmos e aos outros”.

Nesta escola, por onde passastes três anos, nessa alegria tão peculiar a vossa idade, ficam, acreditai com firmeza, enormes saudades vossas e perenes lembranças... a primeira turma sempre marca uma época e dela nunca mais a gente se esquece.

Além disso, tivestes a fortuna de professores dignos desse nome, que guardarão, reconditamente, memória inapagável da vossa passagem, como em bronze lavrada, e vós, pelo futuro afora, reminiscências longínquas do passado, tereis expressões de amizade indeléveis dos vossos mestres, das vossas colegas, dos vossos estudos, desta solenidade, desta casa, e talvez do vosso paraninfo.

“Recordar é viver” e vivereis aí então em um mundo misto de saudades e de amor, que quanto mais longe mais se quer, que quanto mais se distancia, mais se venera. Quem sabe viver do passado tem horas de intensa felicidade, de supremo contentamento; é como quem sabe tirar sons de um velho violino... a criança vive muito do presente, o moço vive muito do futuro e o velho vive muito do passado.

E agora que vos separais, entre afetuosos abraços, nesta rósea encruzilhada de estradas, em busca de um ideal sereno; e agora que cada qual, nesta carinhosa despedida, parte a trilhar um novo caminho, aspirando o aroma de um risonho futuro, neste instante de separação, eu quero pedir a Jesus, ao Cristo Redentor, que sempre vos guie, sempre vos inspire, sempre vos ampare e sempre vos faça felizes, não dessa felicidade efêmera, como a vida das rosas de Malherbe, mas felicidade intensa, viva, duradoura, suave e santa.

Chegou o momento de dar por finda a minha tarefa, e, ainda uma vez agradecendo, repito-vos as palavras de Thomaz Carlyle, no seu livro “Les Heros”: “Avec tous les sentiments que j’éprouve, je vous remercie tous du fond du coeur, et je vous dis: le bien soit avec vous”.

Passo Fundo, 9 de Dezembro de 1935.

215 DISCURSO EM A LUTA pg. 18

Discurso proferido em 14 de Maio de 1932, no Glória Hotel, desta cidade, e que foi publicado pelo jornal A Luta, n.º 95, do mesmo dia, por ocasião da passagem do primeiro aniversário daquela folha.

Ao assumir esta presidência e ao declarar aberta a presente sessão, sinto-me no indeclinável dever de vos dirigir algumas e poucas palavras, e traduzam as primeiras o meu maior agradecimento pela honra que me conferistes nesta solenidade, em homenagem ao primeiro aniversário do jornal local A Luta.

Pelo seu critério, elevação de vistas, firmeza de atitudes, “amor ao trabalho, respeito à lei e culto à liberdade” bem merece A Luta o aplauso, o apoio e a solidariedade da numerosa família republicana de Passo Fundo.

Um ano de vida e um ano de vitória, e é esse o marco inicial da sua digna existência.

Congratulando-me, de coração, pela passagem desta data, auguro ao jornal de Túlio Fontoura longa vida e muita prosperidade.

Túlio, a ti, pobre digno, bom e honesto, que és, na vida social, o produto do teu próprio esforço, eu lembraria as palavras que Edmond Rostand de Bergerac, as quais poderias proferir:

“Depois se acaso a glória entrar pela janela,

A César não dever a mínima parcela,

Guardar para mim mesmo a gratidão mais pura;

Enfim, sem ser a hera, a parasita obscura,

Nem o carvalho e o til, gigantes do caminho,

Subir, não muito sim, porém subir sozinho”.

E a propósito da imprensa ao terminar, repetirei os lapidares conceitos de Julio de Castilhos: “... pensamos que o jornalismo representa uma força digna de ser

aproveitada em favor do bem comum. Conscienciosamente utilizada, isenta das desnaturações oriundas do mercantilismo, não obstante a anarquia mental peculiar à presente fase da evolução histórica, essa força pode cooperar para os progressos intelectuais da opinião e para a obra da solidariedade social”.

E assim sejam a função e o futuro d’A Luta.

216 UMA CARTA INTERESSANTE pg. 21

Em 27 de Dezembro de 1931, estando eu em Porto Alegre, enviei, por intermédio do desembargador Armando Azambuja, ao Dr. Borges de Medeiros, em Irapuãzinho, a carta que abaixo transcrevo, e na qual se contém afirmações quase que proféticas, por isso que previa eu que o general Flores da Cunha, então interventor federal no Estado, na primeira oportunidade, meteria as patas nos Dr. Borges, como, de fato, se verificou em 9 de Julho de 1932.

“Porto Alegre, 27 de Dezembro de 1931.

Exmo. Sr. Dr. Borges de Medeiros

Preclaro Chefe e Amigo

Respeitosas saudações.

Aqui me encontro, há dias, a chamado do nosso comum e distinto amigo, leal republicano Dr. Sinval Saldanha, a fim de tratar de assuntos de Carazinho.

Terça-feira próxima, dia 29, regressarei a Passo Fundo.

Antes de tudo, afirmo, com segurança, ao meu ilustre amigo que só mesmo o grande amor que tenho ao nosso Partido e a sincera dedicação que consagro ao meu Chefe, fazem-me permanecer firme, na estacada.

Estou, meu caro Dr. Borges, convencido de que amargos dias nos esperam, principalmente a v. Ex. como Chefe...

Sob o restrito aspecto partidário, a decantada “Frente Única” só nos tem trazido prejuízos, e grandes: os libertadores são os homens da moda e da época, e mais são os homens do peito do general Flores da Cunha, que procura, por todos os meios, desgostar, num gozo diabólico, todos os elementos amigos sinceros de V. Ex... parece até que oculta um plano...

Só há um meio de salvação: é V. Ex. vir para Porto Alegre, dar um grito, pois que os vivos, como eu e outros, estarão, com sempre, a postos; os adormecidos sairão dessa nefasta letargia e os desgostosos voltarão imediatamente às fileiras.

v. Ex. tem amigos, e em número não pequeno, amigos com A, e que não são como certos religiosos que só se lembram de S. Bárbara e de S. Jerônimo quando está trovejando.

Ausculte o preclaro Chefe, conhecedor dos homens como é, o coração dos seus verdadeiros amigos e correligionários, e fácil lhe será diagnosticar a enfermidade que está nos enfraquecendo e dissolvendo, e, principalmente, não se deixe enganar por certos repetidos protestos de solidariedade “à la vie et à la mort”. O nosso Partido é um doente, que não vai bem, e o único médico para salvá-lo é V. Ex.

Ainda é tempo...

Tenho, às vezes, a nítida impressão de que procuram me desgostar para o meu natural afastamento. Enganam-se porque enquanto me sentir fortalecido com a sua amizade e com a sua solidariedade continuarei a frente da política de Passo Fundo e de Carazinho.

Tive, na presença do meu caro amigo Dr. Sinval, uma longa e “amistosa” conferência com o general Flores da Cunha... pode ser um grande republicano, valoroso e digno, mas, quanto a mi., ponho-o de quarentena... e tenho a impressão de ter tomado um injeção de óleo canforado... queira a Deus que seja de efeito duradouro, o que não creio.

Vou, num grande esforço, procurar manter com o general as melhores relações, a fim de evitar em novo desencontro.

Enfim, mande suas ordens, as únicas que acatarei e cumprirei sem restrições.

O nosso dileto amigo, Dr. desembargador Armando Azambuja, a quem tudo relatei, poderá dar-lhe pormenores.

Sou, como sempre, o mesmo amigo e companheiro.

Pela sua saúde e cordialmente, o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

– Guardo esse interessante documento em meu arquivo.

217 ARMANDO B. CASSAL pg. 26

Em 21 de Fevereiro de 1917, estando eu em Porto Alegre, Armando Barros Cassal, o bom, inteligente e infortunado poeta, mandou-me o seguinte soneto, que possuo em meu arquivo:

Improviso

Ao Ilustre Dr. Deputado Nicolau Vergueiro

Eu que tive a honra de votar
No ilustre senhor doutor Vergueiro,
Vou aqui nestes versos lhe falar
Do meu destino mau e aventureiro.

Pobre qual sou, sem glórias ou dinheiro,
Só tendo a terra fria a me esperar,
Venho, pois, Excelência, só aguardar
Um auxílio de vós, bom cavalheiro!

Bem sei que o coração que possuiis
Me garante, me afirma e bem me diz
Que é como ele a vossa alma nobre.

Vá no soneto toda a gratidão
Que me brota do enfermo coração.
Doutor Vergueiro! Espero... prata ou cobre

Do leal companheiro político (assinado Aramando B. Cassal)

218 FRANCISCO FURASTÉ pg. 27

Em 1º de Março de 1923, recebi, em Porto Alegre, o soneto, que transcrevo, da
lavra de Francisco Furasté:

Soneto

Para o exmo. Sr. Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, M. D. Intendente de Passo
Fundo.

Galopa o tempo e a sorte não melhora
A quem, cantando a Amor e a Natureza,
Traduz em versos os males que a alma chora
E esgota os dias na maior pobreza...

Já, de Elmano, a divina lira, outrora,
Com excelsa altivez, graça e beleza
Pagou em rimas d'oiro a quem lhe fora,
Por bem, servindo com gentil nobreza...

E eu que, por este mundo de ilusões,
Ando a escutar os mortos corações,
Que me dizem: mais vale, humildemente,

Pedir a quem tem muito do que andar
De porta em porta, a todos mendigar...
“A nota rubra”, dar-me-eis somente!

- Em Porto Alegre, 1º- 3-1923 (assinado) Francisco Furasté.
- Guardo esse soneto em meu arquivo.

219 LEDA BRASIL pg. 29

O Coronel Maximiliano de Almeida, que se oculta sob o pseudônimo de Leda Brasil, enviou-me, em 11 de Novembro de 1923, o seguinte soneto, que guardo no meu arquivo.

– Ao exímio campeão de xadrez, Dr. A. Vergueiro
– Se sois homem do povo e costumais
Revigorar toda alma que definha,
Porque um rei distinguiu e uma rainha
Da plebeia criatura grãos rivais?

Um pobre peão que as vezes se avizinha
Dos bastiões que na praça colocais,
Sem humano sentir, logo o matais,
Dando-o em troca dispo d’um bispo d’outra linha.

Ao guiardes “ali” na sua corrida
Procurais quebrar logo na sortida
À égide contrária ou seu arnês;

É que sois o mais doutro camponês,
E por isso vanceis todos no xadrez
Toda vez que encetais uma partida.

(assinado) Leda Brasil – PF 11-11- 1923

Passo Fundo, 14 de Dezembro de 1935.

220 ANIVERSÁRIO DO RUY pg. 30

A “Nota” de hoje é para consignar, o que faço com imensa alegria, o 29º aniversário de nascimento de meu filho Ruy.

Nasceu a 1 hora e 10 minutos do dia 15 de Dezembro de 1906, na cidade de Taquari, e foi extraído a fórceps por mim e pelo Dr. Alfredo Simch, residente em São Jerônimo.

Almoçou hoje conosco, em companhia de Maria, Honorino, Eugenio, Carolina e Iracema, esta filha do meu cunhado João Leite.

Ruy exerce o cargo, que obteve por concurso, de 1º notário de Passo Fundo.

Ruy é um ótimo filho e um cidadão digno e distinto, sob qualquer prisma que se observe.

Peço a Deus, com todo fervor, pela sua saúde e pela sua felicidade.

Passo Fundo, 15 de Dezembro de 1935.

221 OLIVEIRA MESQUITA pg.31

O poeta Oliveira Mesquita, que, em Passo Fundo, viveu durante muitos anos, e que como capitão do 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar do Estado, prestou relevantes serviços ao Partido Republicano, enviou-e, em 14 de Outubro de 1923, o seguinte soneto que guardo em meu arquivo:

As rosas

Murcha a primeira rosa desbotada...
Murcha outra mais... mais outra... enfim
De rosas murcham nos rosais, dezenas apenas
Chega do inverno a rude temporada.

E quando a primavera bem amada
Volta, as rosas, quais meigas açucenas,
Abrem de novo o siso às palmas,
Mal desponta risonha a madrugada.

Também das senhorinhas mais formosas
Murcham, das faces, as vermelhas rosas
Como murcham as rosas dos rosais!

Mas aos rosais as rosas, mais viçosas
Ainda, voltam: e as rosas caprichosas
Às faces da melhor não voltam mais!

Passo Fundo, 14-10-1925. (assinado) Oliveira Mesquita.

222 CONFUSÃO COM APÊNDICE pg. 32

Fui, hoje, chamado para atender a D.^a Margarida Cattanco. Trata-se de uma senhora branca, magra, de olhos bem azuis, de cerca de 35 anos, de cultura inferior, separada do marido e que, já há alguns anos, vive maritalmente com o Sr. João Crespo Medina, dono, nas proximidades do quartel do 8º Regimento de Infantaria, de uma pensão fornecedora de alimentos, cujos clientes são, na sua quase totalidade, praças daquela unidade militar, aqui aquartelada.

Depois de fazer um minucioso exame geral, disse-me, textualmente, aquela senhora:

– Dr., quero que o Sr. Examine também o meu “pênis”, porque me dói muito, e eu até penso que esteja inflamado.

Julgando não haver compreendido bem a palavra, pedi-lhe que a repetisse, e ela, novamente, falou-me da enfermidade do seu “pênis”. Não pude disfarçar um bom sorriso, e retruquei-lhe:

- Senhora, quem tem pênis é o seu amigo... e, de certo modo, entrei em maiores explicações.

D.^a Margarida, toda vermelha e encabulada, desculpando-se, queria se referir ao apêndice que, na sua ignorância, pronunciava pênis, por lhe parecer ter ouvido assim de outras pessoas.

– Não é de admirar, por isso que o tal Dr. Eurico Araújo, de Carazinho, em um auto de corpo de delito, que me foi mostrado pelo Dr. Pedro Pacheco, então promotor público da comarca, já confundiu pênis com púbis...

E, agora, para remate desta nota, direi que Ana administração municipal de Armando Annes, no período de 1924 a 1928, essa mesma Dona Margarida foi nomeada professora pública, no lugar denominado Mato Castelhana, com o qual aquele intendente deu certos escândalos...

Passo Fundo, 17 de Dezembro de 1935.

223 UMA CARTA AO CÚRIO pg. 35

Em 15 de Abril de 1920, dirigi ao meu prezado amigo Tenente João Baptista Cúrio de Carvalho a seguinte carta que transcrevo:

Cúrio, amigo, saúde.

Tenho seguido, de perto, a campanha de ódios e doestos [insultos] levantados sobre o teu nome, pelo teu cunhado Dr. Arthur Caetano da Silva.

Apesar da legitimidade da tua revolta, nessa polêmica, a tua linguagem tem sido menos violenta. É natural, porém, que a luta entre membros da mesma família apaixone os contendores e que a paixão os leve a excessos imotivados.

É preciso, entretanto, discernir, nesse turbilhão de paixões subalternas, entre os interesses do indivíduo em particular e as conveniências impessoais do partido.

Arthur Silva fala em nome do federalismo, de que se fez órgão. Tu, caro amigo, falas, pela A Voz da Serra, em nome individual. Não obstante, o teu jornal, pelas suas ideias, pelo seu passado, pela franca propaganda de que se fez paladino, é igualmente considerado como órgão do Partido Republicano, embora lhe falte a investidura oficial necessária à posse legítima desse cargo.

Vês, daí, a gravidade, aos olhos do público, de uma luta, que se vai azedando entre dois homens, que representam dois partidos.

Não poderás conciliar interesses individuais com as conveniências inibidoras da coesão e solidariedade política.

Cabe-me o direito de zelar pela conservação do partido, disciplinando-o mas mais severas normas de tolerância para com o adversário e de subordinação política, de modo que a nenhum correligionário seja lícito, enquanto se mantiver à vanguarda de nossos ideais, falando em nome deles, pelo jornal que os defende, e sempre os defendeu, travar-se de uma luta pessoal com outrem, à qual possam, por maledicência ou leveza moral, emprestar intuítos partidários.

Portanto, as conveniências do Partido impõem, pela minha palavra de amigo e chefe, que entregues o Dr. Arthur Caetano da Silva à tortura do silêncio em torno de seu nome.

Se pensas diversamente, darás abrigo a esta carta, em teu jornal, para que se defina, de público a atitude do Partido, que dirijo, completamente à margem dessa luta. Sem mais, saudações do amigo e correligionário (assinado) Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Passo Fundo, 18 de Dezembro de 1935.

224 AFOGAR O PALHAÇO pg. 38

Esteve, hoje, em meu consultório, um caboclo residente na serra do Pontão, 6º distrito desse município, e o qual veio me consultar sobre um seu irmão, casado, e que se acha enfermo.

Disse-me o velho gaúcho que o seu irmão estivera, no mister de carreteiro, há dias, nesta cidade, e que “por ter afogado o palhaço” ficara enfermo.

Confesso que, de momento, fiquei um tanto confuso com aquela esquisita declaração, e, por isso, solicitei mais amplos esclarecimentos, chegando a conclusão de que o rapaz contraíra aqui um corrimento blenorragico.

Segundo relata o velho, a mulher do enfermo, desconfiando da origem do mal, deu em grito, e houve, em casa, um tremendo sururu. Afogar o palhaço!

É boa!... esses caboclos tem cada uma!...

Passo Fundo, 19 de Dezembro de 1935.

225 PEIXE PODRE pg. 39

Ao escrever a última “Nota”, veio-me a memória um outro caso não menos interessante.

Residiu, durante muitos anos, no 3º distrito, nas proximidades do desvio Araújo, o Sr. Gabriel José dos Santos, cidadão trabalhador, honesto e muito pacato, sendo sempre um correligionário dedicado, tanto que, muitas vezes, foi nomeado mesário, em eleições.

Certa vez, mais ou menos em 1928, apareceu-me no consultório e, desde logo, muito descansadamente, conforme é seu modo de falar, foi me dizendo:

– Dr., estive, há dias, em Marcelino Ramos e, por ter comido um peixe podre adoeci.

Naquele povoado, à margem esquerda do rio Uruguai, é abundante o peixe fresco, e, por isso, estranhei que tivesse comido deteriorado, perguntando-lhe:

– Mas tu não sentiste o gosto, o cheiro? Não vomitaste?

A resposta, com um leve sorriso e um menear de cabeça, foi a seguinte:

– É verdade comi um peixe bem podre e não vomitei.

– Mas tu tens então um estômago de avestruz e um estranho paladar.

Depois de muito custo, entre boas gargalhadas minhas, é que viam a saber do que, em verdade, se tratava.

O tal “peixe podre” não era mais do que uma mulher doente, com quem tivera relações sexuais, e que o contaminara de blenorragia...

– O meu amigo e original Gabriel José dos Santos, apesar do seu gênio reconhecidamente calmo, viu-se envolvido em um sério conflito pouco tempo depois, e, quando já gravemente ferido matou o seu contendor, mas a justiça da terra é quase sempre falha, e, hoje cumpre pena na Casa de Correção, em Porto Alegre: foi condenado a 6 anos, e penso quem, em 1936, conseguirá o livramento condicional, por isso que, por certo, terá no presídio um bom comportamento, em face do seu gênio ponderado.

Passo Fundo, 20 de Dezembro de 1935.

226 POÇO E SAPOS pg. 42

Quando eu era estudante de Medicina, e cursava, em 1903, o quarto ano, estava em grande moda o uso de cartões postais, havendo, nesse sentido, uma enorme troca de correspondência.

Existiam lindos álbuns próprios, e cada qual procurava conseguir autógrafos de pessoas amigas, poetas, estudantes, literatos, etc.

Havia, em Porto Alegre, uma certa moça, por nome Emilia, de importante família, mas velha e, principalmente, feia, que me perseguia por todos os modos,

em bailes, em festas, na hora chique da rua dos Andradas, e eram uma verdadeira praga os seus cartões postais, nos quais, quase sempre, vazava melosas declarações de amor, as quais nunca respondi.

Em dada ocasião, já um tanto desenganada, mandou-me um, em que se via, ao lado de um lindo jovem, um pequeno coração, e ela assim escreveu:

– Esse é o teu coração. Nesse coração haverá amor? Responda. Emilia.

Resolvi fazer-lhe uma pilheria, e adquiri, na Livraria Americana, um cartão, que representava uma casa em ruínas, tendo ao lado um poço, já em desmoronamento, e respondi-lhe:

– Esse é o poço da tua casa. Nesse poço haverá sapo? Responda. Vergueiro.

No dia imediato, recebi do seu pai a devolução desse postal, com a seguinte nota, a lápis azul, e em grandes letras:

– Seja mais delicado.

E, por esse modo, vi-me, para sempre, livre da impertinente namorada.

Passo Fundo, 21 de Dezembro de 1935.

227 UM CRIME EVITADO pg. 44

Em 1916, o Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, recentemente chegado a esta cidade, abriu uma campanha política contra o Cel. Gervazio Lucas Annes, então Chefe do Partido Republicano Local, e, por intermédio de um pequeno jornal, de sua propriedade, dirigia, semanalmente, os mais veementes ataques ao chefe governista, que, por sua vez, tomou a definitiva resolução de não responder a um sequer.

Estavam as coisas nesse ambiente, quando, certa tarde, fui convidado a comparecer à delegacia de polícia, a fim de fazer auto de corpo de delito em um ferido.

Era delegado o Capitão Jovino da Silva Freitas, e secretário da municipalidade o Sr. Brasília Lima, tipo clássico de homem medíocre, tão bem descrito por José Ingenieros.

Quando penetrei na delegacia, o delegado estava ausente, mas estava lá o tal secretário, de palestra com Octávio Nogueira e um negro muito mal encarado.

Ouvi o seguinte diálogo:

- Mas, Octávio, porque não fizeste esta noite o que te mandei?
- Olhe, seu Brasília, eu rondei a casa, mas isso é uma barbaridade, um crime que me pode comprometer e, além disso, aquele homem não se mata assim com facilidade, porque ele anda se cuidando muito.
- Tu és um covarde, um poltrão, que não merece mais a minha confiança; cumpre o que determinei e deixe o resto por minha conta ou desapareça daqui, porque não te deixarei mais botar o pé em ramo verde: tu és quem vai me pagar...
- Pois bem, então fique ciente de que esta noite matarei o homem.

Nesse ínterim, resolvi intervir, perguntando a quem se referiam.

O funcionário da intendência, jactancioso [orgulhoso] e em pose, me contou, como coisa muito natural, que ia mandar matar o Dr. Azambuja, por causa dos ataques ao Coronel Gervazio, e que era preciso um exemplo violento para que cessassem aquelas verrinas. Fiz-lhe, desde logo, ver o seu imenso erro, e grande inconveniente desse ato, a brutalidade do crime, e o resultado foi travar-se entre nós uma forte e acalorada discussão.

Saindo dali, procurei ao Coronel Gervazio, de quem eu era íntimo amigo, que tudo ignorava e a quem de tudo fiz ciente, e prometeu-me tomar as medidas necessárias para evitar o crime.

Por lealdade, preveni-lhe que ia mandar avisar ao Dr. Azambuja, o que imediatamente fiz por interno de Juvenal Xavier, amigo comum.

O delegado, Jovino da Silva Freitas, viu-se na obrigação de demitir-se, por ser contrário ao atentado, e eu, de vez, cortei relações pessoais com o cujo mandante, partindo, dali, todas as perseguições de que foi vítima.

A casa do Dr. Azambuja, que vinha sendo, nas noites anteriores, muito vigiada, ficou em sossego, e foi assim que esse crime estúpido não se consumou.

Passo Fundo, 22 de Dezembro de 1935.

228 PROPOSTA INDECENTE pg. 47

Ia acesa, e no mais vivo, a luta, em 1918, da dissidência republicana contra a administração e a política do Tte. Cel. Pedro Lopes de Oliveira, tendo cada facção o seu jornal: nós A Voz da Serra e eles, O Gaúcho. Este, sentindo faltar-lhe o terreno aos pés, em face da má causa, descambou como vai sempre acontecer, pelo áspero terreno da mais virulenta e estúpida linguagem, atirando-nos, num estilo de chiqueiro, próprio do seu ignorante diretor, as suas fedentinas.

Nessa atmosfera tóxica e pesada, regressei, certa vez, de Porto Alegre, quando fui, na mesma noite, convidado para uma conferência, no Hotel dos Viajantes, hoje Hotel Avenida com o conhecido caudilho Coronel Fabrício Vieira, gaúcho, residente em Santa Catarina há muitíssimos anos.

Acedi e fui, lá encontrando o Dr. Antonio Bittencourt Azambuja e Capitão Jovino da Silva Freitas, igualmente convidados.

Depois de vasta palestra e de muito rodeio, o cel. Fabrício, verberando sempre o procedimento do Cel. Pedro Lopes de Oliveira, com o qual se mostrava indignado, nos propôs que lhe entregássemos a importância de 30 anos, que mandaria, sem demora, eliminar o nosso adversário, sem a menor responsabilidade nossa.

Declarou-nos que aquele dinheiro não era para ele, e sim para uns seus homens, acostumados a serviços dessa espécie.

Rejeitamos imediatamente semelhante processo, e eu cheguei mesmo a lhe dizer que preferia abandonar a luta a concordar com aquela proposta, pois, de modo formal, repugnava a minha consciência.

A conferência terminou de modo frio e seco.

Poucos meses depois, tive oportunidade de viajar, com aquele coronel, daqui a Porto Alegre, e nem sequer trocamos cumprimentos.

Passo Fundo, 23 de Dezembro de 1935.

229 PLANO QUE FALHA pg. 50

Em 1928, travou-se, nesta cidade, por meio de boletins, um duelo de descomposturas e desaforos, cada qual mais ofensivo e mais venenoso, entre os Dr. Ney de Lima Costa e Cap. Pedruca dos Santos.

Esses boletins, amplamente distribuídos, continham as mais estúpidas verrinas, em uma linguagem baixa, denunciadora do mais profundo ódio mútuo.

Nessa época, já eu havia cortado relações pessoais com o Dr. Ney, de quem fui sincero e dedicado amigo, pela sua contumaz deslealdade política. Esse homem recebeu, de mim, os maiores favores e as mais inequívocas provas de consideração e de amizade, mas, no momento em que se julgou um tanto quanto alto, procurou morder-me, de modo muito pouco digno, tramando até com adversários meus.

Uma tarde, fui, por um amigo, avisado de que Pedruca, nessa mesma noite, mandaria assassinar ao Dr. Ney, à saída do cinema, de propriedade deste.

Não tergiversei um só momento: mandei chamar Pedruca à minha casa, e fiz-lhe ciente, com grande pasmo seu, de que estava inteiramente ao conhecimento do seu bárbaro plano.

Ao princípio negou, depois confirmou a sua intenção, e tanto fiz, chegando mesmo a ameaçá-lo de uma denúncia imediata as autoridades e ao próprio Ney, que deu-me a sua palavra de honra de desistir da emboscada, como, de fato, o

fez, tanto que Ney viveu ainda muitos anos nesta cidade, vindo a falecer de uma hemorragia cerebral, quando eu estava exilado, na Argentina, por questões políticas, assaz conhecidas.

Passo Fundo, 24 de Dezembro de 1935.

230 DUAS CARTAS COMPROMETEDORAS pg. 52

Por motivo da emancipação administrativa de Carazinho, e sua conseqüente política, fui atacado pelo Dr. Homero Guerra e seus amigos, que abriram contra mim, uma campanha de desprestígio, amparados pelo General Flores da Cunha, então interventor federal no Rio Grande do Sul.

Recebi então duas cartas comprometedoras, que transcrevo “ipsis verbis” sem alteração de uma só vírgula, e que guardo-as em meu arquivo.

Tive que chamar, a esta cidade, o seu signatário, a quem, terminantemente, proibi que levasse a efeito o seu diabólico desejo.

Eis os dois documentos:

“Erechim, 8 de Dezembro de 1931.

Prezado Chefe Dr. Vergueiro

Passo fundo.

Venho acompanhando com desusado interesse o caso de Carazinho e a traição que aqueles elementos vem lhe fazendo exige que eu também me sacrifique para uma vingança.

Tenho aqui elemento de absoluta confiança para eliminarmos o cabeça daquele movimento (Guerra) cujo serviço faremos sem receio algum e não prejudica-se a quem quer que seja.

Da resposta do meu chefe me orientarei fazendo seguir para Carazinho elemento para aquele fim.

Se preciso irei aí para melhor combinar com o Sr.

De quem é seu dedicado

Amigo certo

(assinado) Arnaldo Porto”

“Erechim, 14 de Dezembro de 1931.

Prezado amigo e chefe Dr. Vergueiro

Passo Fundo

Confirmo minha última sem favor a contestar. Com referência ao conteúdo da mesma, se possível podeis marcar entendimento pessoal comigo, para o que irei até ai, pois não é mais possível tolerar aquele estado de coisas em que prevalece a mais miserável das ingratidões e das injustiças. Podeis confiar cegamente que darei consumo a esse estado de coisas sem atribulações futuras. Basta somente que me autorizeis a apresentar um elemento que disponho a outro elemento da vossa confiança naquela localidade.

Na minha imensa vontade de vos prestar auxílio direto contra aquela onda de canalhas não fugirei as ordens do correligionário que tem me dado as melhores lições de abnegação na vida partidária e a quem admiro como chefe.

Aguardo as suas ordens para lhe servir aqui, aí e lá da forma que bem lhe parecer.

De quem é dedicado amigo.

(assinado) Arnaldo Porto.

– Dei-lhe mais uma lição, fazendo-lhe ver a inconveniência e o barbarismo do ato, que pretendia praticar.

Passo Fundo, 25 de Dezembro de 1935.

Durante a revolução assisista de 1923, era comandante da Brigada do Norte, sediada nesta cidade, o General Firmino de Paula, velho republicano, e que sempre, por processos violentos, combateu os federalistas. Em Julho, quando, em todo o Estado, mais intenso era o movimento, a charqueada de São Miguel, cerca de 11 quilômetros daqui, à margem da linha férrea que se destina a Cruz Alta, e de propriedade de Julio Magalhães & Cia., tornou-se um centro de oposicionistas.

Uma noite, aquele comandante, que sempre teve gênio irritado e, então, ainda mais pela sua avançada idade, 80 anos, mandou me chamar ao seu quartel general para me prevenir, como intendente do município, e sigilosamente, que estava resolvido a acabar com aquele foco pernicioso de baderneiros, e que iria mandar incendiar o estabelecimento, não deixando pedra sobre pedra.

Fiquei estarecido e frio, porque bem sabia dos processos violentos e arbitrários de Firmino de Paula, e achei de bom aviso não contrariá-lo de chofre [choque repentino], pois poderia ser pior a emenda que o soneto, e, pouco a pouco, em longa e amistosa palestra, fui fazendo-lhe ver da inutilidade do incêndio, puramente prejuízo material que, algum dia, o governo teria que indenizar, da inconveniência para a nossa causa que, mais cedo ou mais tarde, teria que arcar com essa imensa responsabilidade e terrível acusação.

De início, irritou-se, chegando mesmo a dizer que já estava arrependido de me haver comunicado, pois eu “poderia ser um bom médico, um ótimo cidadão, mas era um péssimo guerreiro, pelo meu coração de açúcar” mas não desanimei e, queimando sempre incenso na pira de sua vaidade de intrépido e valoroso guerreiro, fui conseguindo amolecer o seu propósito, até que, depois de muitas horas, e depois de insistente apelo, resolveu desistir do seu intento, prometeu não levá-lo avante, o que, de fato, cumpriu.

O general tinha um ponto fraco: a sua vaidade...

Passo Fundo, 26 de Dezembro de 1935.

232 UM CASO SEMELHANTE pg. 58

Durante o sítio de Passo Fundo, de 24 a 31 de Janeiro de 1923, quando, à cavalo, às 2 horas da madrugada, regressava eu de uma linha de defesa, comandada pelo Capitão Oswaldo Sintz, e onde o tiroteio estava sendo mais intenso, percebi, numa distancia de 80 metros mais ou menos, dois homens que, pela rua Bento Gonçalves, dirigiam-se aceleradamente, da Avenida Brasil para a rua Morom.

Eles reconheceram-me de longe, escondendo-se em um prédio em construção.

De revólver em punho, e com a minha ordenança Manoel Paulo Marques, dei-lhes voz de prisão, e, por isso, resolveram a se dar a conhecer. Eram dois amigos e correligionários meus, Dr. Arthur Souto Ribeiro e Procoro Coelho Velasquez, que levavam, debaixo das capas Renner, duas latas de gasolina.

Inquirindo-os, com energia, sobre o que pretendiam fazer, confessaram que iam incendiar a casa de propriedade e moradia do Dr. Arthur Caetano da Silva, cuja família estava ausente, em São Paulo, e ele, nas forças revolucionárias.

Recriminei-os acremente, e só fi-los regressar em paz, depois de formal compromisso, que tomaram, de não mais tentarem executar o incêndio, prometendo eu guardar reserva sobre o ocorrido.

O fato, no entretanto, chegou ao conhecimento público e foi muito comentado e censurado.

Existem certos homens a quem o ódio, de momento, os cega e não medem consequências e nem calculam as responsabilidades.

Passo Fundo, 27 de Dezembro de 1935.

233 HERCULANO DE QUADROS pg. 60

Li, há poucos dias, a notícia do falecimento de Herculano Amâncio de Quadros, no Paraná.

Esse meu amigo, quando, em 1919, no cargo de sub-delegado de polícia, do 6º distrito deste município, viu-se envolvido em um crime, que reboou, como um trovão, por todo o Rio Grande do Sul, e, no entretanto, ele nada mais foi do que uma vítima das circunstâncias.

A política federalista, agitada aqui em Passo Fundo, pelo Dr. Arthur Caetano da Silva, transformou o ambiente de calma e de trabalho em desordem, que, pouco a pouco, foi assumindo proporções tais, até que estourou, em 24 de Janeiro de 1923, em um movimento revolucionário, que, célere, espalhou-se por todo o Estado.

Em 1919, o major Ângelo Alves de Souza Marques, então delegado de polícia, recebeu ordem de prender um célebre criminoso Cypriano de Padua. Chamou a esta cidade todos os sub-delegados distritais, e deu-lhes terminante ordem: prender Cypriano e matá-lo em caso de qualquer resistência.

Herculano, sabedor que o bandido percorria o seu distrito, organizou uma escolta, e, durante dias e noites, procurou-o nas serras de Pontão, até que, em uma manhã, o surpreendeu.

No momento em que Cypriano levava a mão à sua inseparável Winchester 44, pois era um homem valente e não se entregara assim no mais, recebeu uma descarga, e caiu morto.

Da escolta, fazia parte um tal de Bibiano Ferraz, em cujos ombros pesava a responsabilidade de vários crimes em Lagoa Vermelha e Vacaria, e que, num gesto selvagem, cortou uma das orelhas da vítima.

Enterrado o corpo, o sub-delegado veio à cidade, dar conta de sua missão.

Bibiano, que chegara pouco antes, já havia contado a diversas pessoas a sua estúpida façanha, seguindo logo depois, para Santo Ângelo. Dizem que foi levar a orelha a mulher de Cypriano, que o recompensou com dez contos de reis.

Arthur Caetano da Silva armou então um enorme escândalo e o governo do Estado mandou abrir rigoroso inquérito.

Um genro de Herculano, sem ordem e às escondidas deste, foi ao local do crime, desenterrou o corpo, arrastou-o pelo mato, atirando-o em uns grotões de pedra.

A polícia movimentou-se, foi ao distrito, descobriu o cadáver e verificou a verdade das acusações.

Bibiano e outros fugiram.

Herculano foi preso e demitido a bem do serviço público.

Quando os autos subiram para julgamento do juiz de comarca, Herculano fugiu escandalosamente da cadeia civil, indo residir no Paraná, onde acaba de falecer, pobre e velho.

Hoje que a terra destrói os seus despojos, escrevo nestas “Notas íntimas”: Herculano foi uma vítima, em primeiro, das severas ordens do delegado, e em segundo, das suas relações de amizade com Bibiano e com o seu genro, a quem não queria comprometer.

Herculano Amâncio de Quadros foi muito meu amigo, e me confessou a verdade, como aí fica relatado.

– Certa vez, soube que ele, cheio de ódio, por motivos políticos, contra o Dr. Carlos Silveira Martins Leão, vinha à cidade para matá-lo, e nesse sentido, fui informado até de pormenores, como a hora da saída dele e de dois capangas, de sua fazendola.

Algumas horas antes, já quase ao cerrar da noite, do dia prefixado, fui de auto à sua propriedade, para aconselhá-lo a não assim proceder.

Já o encontrei com os dois homens, todos a cavalo, de viagem para aqui, e, depois de conversarmos cerca de 1 hora, encostados em um alambrado, nas proximidades de uma lagoa, convenci-o de que deveria regressar, e deu-me a sua palavra de honra que não atentaria contra a vida daquele advogado, o que cumpriu. Decorreram-se alguns meses, houve o crime de Cypriano e o advogado de Herculano foi o mesmo Dr. Carlos Silveira Martins Leão.

Coisas interessantes e inexplicáveis da vida!

Passo Fundo, 28 de Dezembro de 1935.

234 NOTAS PROMISSÓRIAS pg. 65

Eis a relação das notas promissórias, pagas por mim como avalista de:

Nome	Ano	Valor
José Álvaro de Abreu	1918	2.000\$000
Dr. José Krein	1919	400\$000
Antonio Joaquim Bittencourt	1919	100\$000
Homero Leite	1919	250\$000
Herculano Amâncio Quadros	1919	1.700\$000
Manoel Joaquim Pacheco	1920	100\$000
Benito Caum	1920	200\$000
João Manoel Barbosa	1920	400\$000
Ernesto Falk	1920	2.000\$000
Homero Leito	1921	2.000\$000
Gaspar Medina	1921	1.000\$000
Henrique Beloni	1921	100\$000
Antonio Brasil	1922	600\$000
Octávio Leão de Oliveira	1922	500\$000
Victoriano A. Nunes	1922	150\$000
Cacildo dos Santos	1927	6.700\$000
Agostinho Cruz	1927	7.400\$000
Dr. João Bigois	1928	400\$000
Edmundo de Oliveira	1928	15.000\$000

Ordmel Monteiro

1929

1.000\$000

Soma tudo em 42:000\$000

Todas estas notas estão em meu arquivo, menos a de Edmundo de Oliveira, que juntei aos autos de inventário para ver se conseguia sobrar qualquer coisa.

Passo Fundo, 29 de Dezembro de 1935.

235 DESEJA CONFESSAR-SE pg. 66

Entrei, como interno, no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, em 8 de Dezembro de 1893, exatamente no dia em que começavam as feiras escolares, e isso porque, estando o Estado em plena revolução, minha mãe julgou de bom aviso, para maior tranqüilidade sua, visto como eu vinha sempre manifestando desejos de acompanhar as forças governistas, comandadas pelo Cel. Gervazio Lucas Annes, chegando mesmo, de uma feita, a fugir de casa.

Fiz o trajeto daqui a Santa Maria, 50 léguas mais ou menos, a cavalo, e em 10 dias, seguindo uma força de cerca de 80 homens que ia aquela cidade trazer armamento e munição.

Freqüentei aquele importante estabelecimento de ensino, que hoje é um seminário, até Maio de 1895, quando minha Mãe pode ser transferir para Porto Alegre, indo residir em sua companhia, matriculando-me, como externo, na Escola Brasileira, dirigida pelos professores Ignácio Montanha e André Leão Puente, ambos já falecidos.

No Colégio Conceição, quando o aluno necessitava fazer qualquer pedido, reclamação ou esclarecimento solicitava do padre que dirigia a sua turma um pequeno papel e fazia por escrito.

Em 1920, quando o Ruy estava no Ginásio Anchieta, em Porto Alegre, o padre Führ, já muito velhinho, mandou-me, por intermédio de meu filho, um daqueles pedidos meus.

Transcrevo-o:

“Aluno N. Vergueiro, número 40, deseja confessar-se com o Reverendíssimo Padre Fürh. N. Vergueiro, n.º 40. Colégio Conceição, em 30 de março de 1895”.

Lá se vão quase 41 anos!

Guardo o pequeno papel em meu arquivo, com amor e com saudades, e presto aqui os seus mais sinceros agradecimentos aquele distinto e ilustre sacerdote.

Passo Fundo, 30 de Dezembro de 1935.

236 UM FUZILAMENTO MALGRADO pg. 69

Durante os amargos e difíceis dias do sítio de Passo Fundo, de 24 a 31 de Janeiro de 1923, pelas forças denominadas “Libertadoras” foi, nesta cidade, por estar conversando imprudentemente, preso um rapaz por nome Astrogildo Mello, e, sob guarda permanente, detido no edifício da Intendência Municipal.

À tarde de 27, veio ao meu conhecimento que um grupo de exaltados pretendiam fuzilá-lo aquela noite, e, desde logo, dirigi-me então à guarda, dando a um cabo as ordens mais enérgicas para que não o entregasse a quem quer que fosse, mesmo levando determinação escrita minha, sob pena de fuzilamento imediato: inteiramente responsável pela vida do preso.

Cerca de meia noite, fui à Intendência, e mandei que Astrogildo entrasse em meu auto, onde se encontravam dois soldados armados.

O pobre moço quase desfaleceu, e, gaguejando, implorou-me que não o matasse.

Simulei completa indiferença pelo seu pedido.

Seguimos até o Boqueirão, e aí, em um local muito escuro e deserto, depois de perguntar-lhe onde morava, fi-lo desembarcar, e esconder-se em sua própria casa.

O preso, na maior comoção, agradecendo-me, desapareceu, correndo por uma rua até a sua residência, onde ninguém mais o molestou.

No dia imediato, os exaltados, contentes, estavam convencidos de que eu fizera o “serviço”, e grande foi o seu desapontamento quando, passados alguns dias, viram-no na rua, são e forte.

Passo Fundo, 31 de Dezembro de 1935.

237 SANTA THEREZINHA pg. 71

No dia 4 deste mês, segui até Porto Alegre, a fim de tomar parte, como membro da Comissão Central do Partido Republicano, nas démarches e deliberações sobre o falado “acordo” da Frente Única com o governador do Estado, regressando a 17, e hoje, 18, reinicio as minhas Notas.

– Ao amanhecer de 25 de dezembro de 1935, observei que os meus dois netos Eugenio e Carolina achavam-se com febre, que, pouco a pouco, foi aumentando, com acentuada perturbação gastrointestinal.

Nos dias 26, 27, 28 e 29, o estado das crianças foi se agravando, deixando-me pensar em uma forma típica ou para-típica: pulso rápido e mole, febre elevada, grande prostração, sub-delírio, língua saburrosa, ventre timpânico, gargarejo na fossa ilíaca esquerda, etc. a noite de 29 passei-a em claro, seriamente preocupado, e, pela madrugada, quando já cansado, cochilava um pouco, despertei com o choro da Jovina, em extremo excitada e grandemente desanimada.

Reprimindo o seu estado nervoso, ocultando-lhe o meu modo de pensar sobre a gravidade do mal, depois de lhe dar um pouco de ânimo e de esperança, vim para o meu escritório, e aí, sem o pretender, veio-me a memória o nome de Santa Therezinha, de quem, confesso, nunca fui adepto fervoroso.

Lembrei-me de suas palavras, ao expirar:”Je veux passer mon ciel à faire du bien sur la terre” e, em silêncio, prometi tornar-me um crente da Santa de Lisieux, se os meus netos amanhecessem o 1º de Janeiro sem febre, e trazer sempre comigo uma sua imagem.

Pois bem, a virgem carmelita, que faleceu na tarde de 30 de Setembro de 1897 atendeu à minha súplica angustiosa: iniciamos o ano novo com Eugenio e Carolina sem febre e em convalescença.

Em vista do ocorrido, rendi-me a evidência, e sou hoje, confesso também, um seu crente e admirador, cuja graça, com o maior penhor, proclamo e agradeço.

Dias depois, fui a Porto Alegre, e lá pedi ao meu concunhado, Dr. Adroaldo Mesquita da Costa, católico praticante, que me desse um pequeno cromo com a imagem da Santa Terezinha, o que imediatamente conseguiu.

Traz, de um lado, um pequeno pedaço de tecido branco, com uma cruz vermelha, e esta inscrição: “Etoffe ayant touché à la Sainte”.

Passo Fundo, 18 de Janeiro de 1936.

238 UM MELÃO pg. 74

Compareceu, ontem, às 3 horas da tarde, em meu consultório, o Sr. José Behm, agricultor, residente no 1º distrito deste município, que me levou para examinar um seu filho, por nome Oswaldo, de nove anos de idade.

De uma chocante palidez, coberto de suores frios, com temperatura de 35°, pulso de 140, filiforme, ventre grandemente dilatado, constatei, desde logo, a extrema gravidade do caso e supus a existência de uma hemorragia intestinal.

De fato, referiu-me o pai que seu filho, depois de mais de 25 dias de alta temperatura e perturbações gastrointestinais, entrara em convalescença, com uma fome devoradora, e que, ao escurecer do dia anterior, comera, às escondidas, de uma só ez, um melão inteiro, amanhecendo com abundante hemorragia intestinal.

Levei imediatamente o pequeno, em meu automóvel, ao Hospital de Caridade, e, apesar de todos os recursos de que lancei mão, o menino, horas depois, veio a falecer.

Passo Fundo, 8 de Fevereiro de 1936.

Em Agosto de 1921, estando eu, já há dias, em porto Alegre, fui despedir-me, em palácio, do Dr. Borges de Medeiros.

Nessa ocasião, pediu-me o Chefe que, de chegada a Passo Fundo, procurasse o Dr. Walter Gastão Buttel, então juiz distrital, e lhe transmitisse o seu pedido de não requerer a Assembleia dos Representantes do Estado a licença para executar a sentença condenatória do Dr. Arthur Caetano da Silva, deputado estadual, no crime de calúnia que lhe moveu o Sr. Joaquim Pedro Dauth, notário desta cidade.

Logo depois de meu regresso, procurei aquele juiz, a quem dei ciência da solicitação do presidente do Estado e Chefe do Partido Republicano, prometendo-me ele cumpri-la.

Em 20 de Setembro, fui novamente à Capital, tomar parte nos trabalhos da Assembleia, como um de seus representantes.

No dia 6 de Outubro, recebendo um cartão do secretário do gabinete presidencial, Zeferino Ribeiro, em que me comunicava ter o presidente muita necessidade de falar comigo, compareci em palácio.

Recebido pelo Chefe, de sobrececho fechado, desde logo percebi que havia algo de importância e de grave. De fato, o Dr. Medeiros, muito irritado, perguntou-me se dera o seu recado, sobre o Dr. Arthur Caetano, ao juiz distrital, o que respondi afirmativamente. Mostrou-me então, ainda mais nervoso, o pedido que aquele serventuário da justiça acabava de fazer à Assembleia, requerendo licença para prender o referido deputado.

Retorqui-lhe, de seguida, que semelhante atitude do juiz causava-me uma imensa surpresa, porquanto se comprometera comigo a não enviar aquela petição.

Duvidou o Chefe da minha verdade, e tivemos então uma séria e acalorada discussão, que só terminou quando me retirei do Palácio, dizendo ao Chefe:

– Tenho sido seu amigo, mas não sou seu capacho. Atiro nesse tapete todas as posições políticas que ocupo.

– Isso é outra desconsideração.

– Entenda V. Ex. como quiser... e me retirei imediatamente.

Esse desagradável incidente foi assistido pelo General Barreto Vianna e pelo Cel. Emilio Massot, naquela época presidente da Assembleia e Comandante da Brigada Militar respectivamente.

A 7 de Outubro, isto é, no dia imediato, enviei ao Dr. Borges a seguinte carta, que transcrevo:

“Porto Alegre, 7 de Outubro de 1921.

Exmo. Sr. A. A. Borges de Medeiros

Respeitosas saudações

Depois do incidente de ontem, em que V. Ex. duvidou da minha lealdade e dedicação, aliás, sinceras e desinteressadas, sinto-me no dever de, agradecendo muitíssimo a consideração com que, até aquele momento, V. Ex. me honrou, desobrigar-me da direção política do município de Passo Fundo.

Reafirmo, sob a minha palavra de honra, que não me cabe a menor responsabilidade, e disso a minha consciência está bem segura e tranquila, no fato em que V. Ex. julgou haver desconsideração minha.

Há quatro anos que venho trabalhando, com atividade e ardor, não medindo sacrifícios de toda a ordem pela pujança de nosso Partido em Passo Fundo, sempre seguindo a risca, como republicano disciplinado, os conselhos de meu Chefe.

Lastimando, profundamente, o incidente, seguirei, em breve, para Passo Fundo, d’onde resignarei os mandatos à Assembleia do Estado e Intendente Municipal, lugares de imediata confiança de V. Ex.

Continuando nas fileiras do Partido, como simples e obscuro soldado, faço-o convicto de, sempre, tê-lo ouvido e atendido com o máximo respeito e acatamento, e, sobretudo, com grande amizade e lealdade. Do amigo e correligionário (assinado) Nicolau Araújo Vergueiro”.

À 8, recebi a seguinte resposta:

“Porto Alegre, 8 de Outubro de 1921.

Ilustre Amigo Dr. Nicolau Vergueiro

n/c

Acusando o recebimento de vossa carta de ontem, apresso-me em declarar-vos, com satisfação, que, no incidente a que vos referis, motivado pelo pedido de licença à Assembleia, por parte do juiz distrital de Passo Fundo, para requisitar a prisão do deputado federal Arthur Caetano da Silva, nenhuma vez pus em dúvida a vossa lealdade, que bem conheço e devidamente aprecio. Apenas estranhei que não tivesse sido acatado o conselho por mim dado, anteriormente, sobre o assunto, não só a vós, como ao referido juiz, por isso que semelhante pedido, além de impolítico, principalmente agora, é ilegal, por estar prescrita a penas, etc.

Ouvida, porém, a vossa explicação, que plenamente me satisfez, convenci-me logo da vossa nenhuma co-participação na iniciativa do mesmo juiz, cuja atitude me pareceu até, como então vos disse, consequência de condenável conluio entre ele e Arthur Caetano, pois é bem possível que este haja tido conhecimento, pelo próprio juiz, da minha opinião a respeito e, assim sendo, o que deseja é explorar o caso em seu proveito, com as inevitáveis repercussões que teria, neste momento, dentro e fora do Estado.

Escusado é declarar-vos que tenho no mais alto apreço os serviços que vindes prestando ao partido e ao município, porque disso vos dei sempre as provas mais insofismáveis.

Não posso, assim, por nenhum motivo, aceitar a renúncia, que ofereceis, de vossos mandatos e é me grato reafirmar-vos, uma vez mais, a inteira confiança e completa estima que me mereceis.

Convido-vos, por tudo isso, a virdes a palácio, segunda-feira, para de viva voz fazer-vos declaração idêntica.

Saúdo-vos afetuosamente.

(assinado) Amigo certo e correl.º Obr.º - Borges de Medeiros.

- Nessa carta, há um grande equívoco, que é este: a pena não estava prescrita.
- Depois de tudo isso, fui, no dia apazado, a Palácio, onde trocamos amáveis explicações, encerrando, de vez, o lastimável acidente.
- A 19 do mesmo mês, o meu caro amigo Dr. Eurybiades Dutra Villa, então chefe de Polícia, endereçou-me, de Porto Alegre para Passo Fundo, uma interessante carta, da qual transcrevo alguns tópicos, que se relacionam com o assunto em descrição:

“Encontrando, no Diário do Interior, um telegrama dali, dando a ida de Arthur Caetano e do Buttel, “ensembles” para o Rio, levei, pessoalmente, aquele jornal, ao nosso chefe. Este teve, então, oportunidade de me declarar que mais se convence de que Buttel, em requerendo licença para execução da sentença, o fez mancomunado com aquele. Narrou-me o que se passa contigo, acrescentando que, erroneamente, julgara que havia intimidade entre ti e Buttel. Verificou, porém, que Buttel, de fato, não só não tinha essa intimidade, como também procurara agir, com escopo de te prejudicar”

- Fatos posteriores vieram, à saciedade, demonstrar que Walter Buttel agia de inteiro acordo com Arthur Caetano, a quem, na eleição de 25 de Novembro de 1922, em que eram candidatos, à presidência do Estado, Borges de Medeiros e Assis Brasil, forneceu para mais de 500 títulos eleitorais falsos, o que ficou perfeitamente demonstrado, o que lhe causou sua imediata demissão do cargo.

Em 1923, Buttel aderiu à revolução “assisista”, que irrompeu no Estado, e em cujas forças serviu, não entrando, ao que me consta, em um só combate.

- Até hoje, por tudo isso, não mantenho relações com aquele cidadão.

Passo Fundo, 11 de Fevereiro de 1936.

240 UMA CIRCULAR pg. 86

Na véspera de minha partida ao Rio de Janeiro, em 17 de Maio de 1935, dirigi aos meus correligionários a circular abaixo.

Motivou-a o fato dos meus adversários políticos haverem, na cidade e nos distritos, espalhado, amplamente, que eu não regressaria mais, abandonando, de vez, os meus companheiros, à sua própria sorte.

Eis a circular:

“Distinto correligionário

Saudações cordiais.

Antes de partir para o Rio de Janeiro, onde vou assumir o honroso posto que me confiou a valorosa Frente Única do Rio Grande do Sul, quero enviar ao distinto companheiro, com as saudações mais cordiais, um afetuoso adeus, que nada mais é do que um até breve, por isso que, dentro de poucos meses, querendo Deus, aqui estarei para, ao vosso lado, empenhar-me pelo pleito municipal.

Aproveito de boa oportunidade, que ora se me oferece, para vos comunicar a reorganização da Comissão Executiva do Partido Republicano deste município, e que, assim, ficou constituída: Hyran Araújo Bastos, Arthur Lângaro, Dr. Tenack Wilson de Souza, Tte. João Baptista Cusio de Carvalho, Hermínio Silveira, Cantidio Pinto de Moraes, e José Knoll.

No mesmo ritmo de aspirações, como o mesmo frêmito de entusiasmo, essa Comissão está, perfeita, harmônica e solidamente, de acordo como ilustre Diretório Libertador local.

O serviço de alistamento eleitoral continua sob a direção dos prezados correligionários Hermínio Silveira e Gomercindo dos Reis, com quem podeis vos entenderdes.

Espero, e confio, que prosseguireis, destemerosamente como sempre, a progupnar, com zelo e amor, pela vitória da Frente Única.

Terei imenso prazer em receber as vossas ordens da Capital da República.

Neste aperto de Mao, ficam toda a certeza de minha amizade e toda a segurança dos meus agradecimentos.

Até breve.

Um abraço do amigo certo e grato (assinado) Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Passo Fundo, 17 de Maio de 1935”.

Ficou, dest’art, desmascarado o perfil arдил dos denominados “liberais”.

Passo Fundo, 12 de Fevereiro de 1936.

241 UMA CARTA DE AGRADECIMENTO pg. 89

Entre as muitas cartas, que possuo em meu arquivo, encontrei a seguinte:

“Passo Fundo, Abril de 1915.

Avós, queridos e bem distintos amigos Dr. Vergueiro e D. Jovina, nós, os amigos sinceros, eterna e profundamente penhorados, com os corações a transbordar de gratidão comovida e intensa, nem sabemos como havemos de significar o que nos tem ido n’alma e para todo o sempre nos fará vibrar a alma triste de cada um, de reconhecimento, de incomparável e infinito reconhecimento pelas inúmeras quão confortantes demonstrações de estima e religiosa piedade que de vós receberam nossos corações atribulados de pais, durante a doença e por ocasião do falecimento de nossa amada e inolvidável Eloazinha!

Ao médico carinhoso e dedicado; ao Sacerdote devotadíssimo da mais bela ciência humana, que tudo envidou contra o impossível, contra a inexorabilidade da morte, contra a Vontade Divina, contra a inevitável ascensão daquele anjinho idolatrado à verdadeira morada que Deus lhe destinara; ao Médico inesquecível, que já tantas vezes tem conseguido restituir, com belos triunfos, a saúde ao nosso lar; ao Médico, cujo devotamento só um poema poderia exprimir – não nos é possível demonstrar, por este meio tão singelo e íntimo, a nossa gratidão sem

confronto, inexcusável, e da qual sinceramente desejaríamos dar um pálido testemunho, da melhor maneira possível, que ao profissional pedimos escolher e exigir.

Aos amigos queridos, cujas inequívocas e repetidas manifestações de pesar pela nossa dor profunda tem constituído o melhor e o maior de todos os lenitivos que não são prodigalizados às nossas lágrimas de pais aflitos; aos amigos queridos, como penhor dos nossos mais profundos agradecimentos, os nossos corações leais e sinceros.

A gratidão que vos devemos e que, para mais consolação nossa, não nos fatigamos de traduzir por palavras a todos com quantos falamos, todos os dias, a toda a hora, é mister ao nosso desejo que fique indelevelmente registrada neste pedaço de papel branco, que são como pedaços palpantes do melhor de nossa alma comum, e que pedimos guardéis, com confiança e crentes, no precioso arquivo das lembranças de vossas melhores amizades, das amizades que vos sejam mais dedicadas e reconhecidas.

A saúde, a felicidade e a Graça Divina sejam sempre em vosso lar querido! (assinados) Osvaldo Caminha, Alice P. Caminha”.

Passo Fundo, 14 de Fevereiro de 1936.

242 UMA OUTRA CARTA pg. 92

Transcrevo a carta do engenheiro C. Meylan, quando noivo da senhorita margarida, filha de Raul Conty, e sobre os quais, em “Nota” escrita no Rio, já tive oportunidade de me referir.

“Passo Fundo, le 24-V-1912.

Cher Monsieur

À la veille de quitter cette ville, pour nous rendre au Paraná, je me fais l’interprete de la famille de Mme. Raul Conty, pour venir vous remercier chaleureusement pour tous les services et démonstration d’amitié que vous avez rendu à cette famille.

Soyez assuré que votre devouement, est tous les soins que vous avez si généreusement donnés, en particulier à ma chere fiancée, n'échappecont pas de notre mémoire, et que nous vous en serons toujours reconnaissants. Margot me charge en particulier de vous remercier, et de vous prier de l'excuser de tous les derangements, que sa maladie vous a occasioner.

As dames auraimt bien aimé allez elles-mêmes vous remercier el prendre congé de vous et de Mme. Vergueiro, mais ou le mauvais temps et le peu de moments dont elles disposent, elles vous prient de les excuser.

Je me permettrai, lors de notre installation à Rio Negro de vous donner de nos nouvelles ainsi que notre nouvelle adresse.

En vous priant de accepter aussi tous mes remerciements, veuillez agreer, cher Monsieur, l'assurance de ma parfaite consideration.

Votre dévoué (assinado) C. Meylan

243 SOBRE O MEU ANIVERSÁRIO pg. 94

No dia 7 de Março de 1910, completei 28 anos, e, por esse motivo o jornal local O Gaúcho, a 12 do mesmo mês, publicou o seguinte:

“Dr. Araújo Vergueiro

No dia 7 do corrente completou mais um aniversário natalício o nosso amigo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, digníssimo representante deste círculo na Assembleia do Estado.

Portador dos mais belos dotes de coração e de espírito e tendo ainda, para o recomendar e impor à consideração pública o modo corretíssimo como exerce os nobres deveres de sua espinhosa carreira, na qual é incontestavelmente um obrigado, o Dr. Vergueiro tornou-se depressa um dos homens mais eminentes do nosso meio, sendo hoje apontado como das mais belas esperanças de sua terra natal.

É que ele, sem que o faça no propósito vaidoso de granjear prestígio, mas tão somente guiado pela nobreza de seu coração bondosíssimo, sabe tratar com a mesma afabilidade o rico e o pobre, o companheiro e o adversário, a todos prestando os seus serviços profissionais ou o seu validamento pessoal com a mesma solícitude e boa vontade que é possível fazê-lo.

Como médico, os triunfos de sua carreira já se contam por uma extensa lista de casos importantes, muitos dos quais obrigados a intervenções cirúrgicas de alta responsabilidade e nas quais soube firmar, de modo brilhante, a sua competência, honrando assim os créditos da Faculdade de Medicina e de Farmácia de Porto Alegre, onde fez o seu tirocínio acadêmico e recebeu o grau.

O seu desprendimento é notável. Muitas vezes, além de nada exigir pelo tratamento do doente, ainda fornece a este a dieta e remédios, porque as respectivas condições não permitiriam tal despesa.

Por isso não admira que o círculo de seus amigos cresça dia a dia, numa expansão visível, tornando-o o foco de uma estima que, bem longe de representar a convenção falaz de que se imbuí a sociedade moderna, reflete e exprime um sentimento verdadeiro, porque assenta na gratidão, que é, sem dúvida, o atributo mais belo do homem e o alicerce mais sólido da amizade.

Como político a sua carreira não tem sido menos brilhante.

Republicano de vera orientação, obedecendo fielmente aos princípios de nossa fé, apesar de ser um homem independente, portador de um diploma científico de alto valor, e do prestígio invejável de que goza, jamais deu mostra de ambição no seio das fileiras, pretendendo esta ou aquela posição, porque bem compreende que elas não existem para ornamento dos homens, e sim para o sacrifício deles.

Se hoje, e com alta competência, faz parte da Assembleia dos Representantes do Estado e ocupa uma cadeira no Conselho Municipal de sua terra, do qual é presidente reeleito, não conquistou esses postos porque fosse pedi-los a alguém. Um e outro lhe foram dados espontaneamente pelo seu partido, a cujas vistas o merecimento do ilustre correligionário não podia passar despercebido, quando se cogitava da escolha de homens competentes para ocupá-los.

Se fosse um ambicioso em política, se militasse nela para a conquista de posições, teria aceito o cargo de intendente deste município, que formalmente rejeitou ao ser-lhe oferecido, por ocasião da última eleição, pelo nosso ilustre chefe Sr. Coronel Gervazio Lucas Annes.

Ao par do seu desinteresse pessoal, o ilustre médico prima ainda, como político, pela solicitude com que costuma levar a sua colaboração entusiástica ao Partido, que tem nele um de seus mais esforçados servidores neste município.

Por todos esses predicados, pois, e ainda pela amizade inquebrantável que o liga a esta folha, o distinto médico e correligionário faz jus a homenagem sincera que lhe consagramos por estas singelas linhas, felicitando-o pelo seu aniversário e fazendo ardentes votos pela sua máxima felicidade pessoal.

Passo Fundo, 16 de Fevereiro de 1936.

244 OUTRO ANIVERSÁRIO pg. 99

“O Gaúcho” em 6 de Março de 1909, em seu número 5, publicou o seguinte:

Dr. Vergueiro

“Completará amanhã mais um aniversário natalício o nosso prezado amigo, correligionário, colega de redação e ilustre clínico Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Por tão auspiciosa data se congratula “O gaúcho” em cuja redação conta o distinto médico e ilustre companheiro sinceros admiradores de seu caráter sem jaça, de sua alma bondosa, grande, afetiva e nobre, sempre aberta as ideias úteis, progressistas e caritativas.

No seio da sociedade passofundense, onde vive sem orgulho e sem amor próprio, o distinto médico é tido na conta de um filho diletto, que nos bancos da Academia soube honrar a terra que lhe serviu de berço.

No seio do partido republicano local, que o admira, constitui a sua pessoa parte integrante desse todo forte e coeso, que tem por norma de conduta disciplina

incondicional, porém, alicerçada em estima franca, formada no cadinho da amizade que liga seus próceres.

Aí, nesta vasta arena de atividades, ocupa o distinto correligionário postos de distinção, como Presidente do Conselho Municipal e do Clube Pinheiro Machado. E sabemos todos como o Dr. Vergueiro tem sabido desempenhar os cargos que merecidamente lhe foram cometidos, nos quais usa daquela bondade de coração que o caracteriza, da benevolência e do carinho que presidem as relações da família republicana local, sabiamente chefiada pelo egrégio Dr. Borges de Medeiros e competentemente dirigida pelo espírito magnânimo e refletido de Gervazio Lucas Annes.

Como prova firme do que asseveramos, baseados na mais sã realidade, a ínclita direção suprema do Partido Republicano houve por bem incluir o nome do Dr. Vergueiro na chapa dos candidatos à deputação estadual por este segundo distrito. Por este fato e por tantos títulos de benemerência do nobre companheiro de redação “O Gaúcho” calorosamente o saúda no dia de seu aniversário natalício, desejando-lhe para os anos que hão de vir interminável messe de felicidades”.

245 PARA PONTA-GROSSA pg. 102

Nos primeiros meses do ano de 1916, esboçou-se, nesta cidade, uma luta política contra o Coronel Gervazio Lucas Annes.

Os seus dissidentes, no início de uma surda campanha, tinham e usavam do meu nome como bandeira, apesar de, por várias vezes, lhes haver afirmado, de modo positivo e categórico, que, de maneira alguma, romperia com o Cel. Gervazio, de quem não tinha motivos de queixa e era seu amigo sinceríssimo.

Os fatos, guiados por uma péssima orientação do então intendente municipal Pedro Lopes de Oliveira, cercado por uma camarilha de esfrias e de exploradores da pior espécie, foram se precipitando de tal modo, numa intrincada urdidura de intrigas e de infâmias, que, por lealdade, julguei de bom aviso, afastar-me daqui,

transferindo minha residência para Ponta Grossa, no Estado do Paraná, para onde, em verdade, segui a 6 de Julho.

Lá, no Estado vizinho, tive exato e pleno conhecimento de que aquele grupo de incoseqüentes continuava nos seus processos miseráveis, e então resolvi regressar para enfrentá-los de viseira erguida.

Em 1917, morre o Cel. Gervazio e a luta desencadeia-se formidável, para, em 20 de Setembro de 1920, alcançar o lábaro da nossa vitória eleitoral, pomposa, esmagadora, estonteante.

À propósito de minha viagem ao Paraná, o jornal local “A Voz da Serra” estampou, em 1º de Julho de 1916, o seguinte artigo:

“Dr. Araújo Vergueiro

Quando um homem conquista no seio de um povo a extraordinária consideração e o invejável renome que caracterizam o conterrâneo ilustre a quem prestamos a homenagem destas linhas; quando esse homem é o coração bom que tantas vezes tem ido levar a tranqüilidade e a alegria ao lar onde reinavam o sobressalto e a tristeza, de lá trazendo a gratidão imperecível dos beneficiados; quando finalmente, esse homem é o médico de alta proficiência, que tem o seu nome cercado por uma auréola resplandecente de triunfos na sua benemérita carreira, como tudo sucede com o Dr. Araújo Vergueiro, – esse homem já não se pertence, faz parte do patrimônio moral do meio que lhe deu o berço num dia feliz, confiando-lhe a missão grandiosa de o servir e elevar com o seu coração e o seu espírito.

Eis porque hoje, sabendo que o acatadíssimo passofundense cogita de ausentar-se temporariamente desta cidade, não podemos deixar de manifestar o nosso sincero desgosto por semelhante resolução, uma vez que ela viria privar o nosso meio da inestimável cooperação, que S. S., há tantos anos, lhe veio prestando como cidadão e como profissional, conduta que lhe granjeou a vasta esfera de amizade e gratidão que o rodeia, desmentindo solenemente o velho provérbio que diz que ninguém é profeta em sua terra.

A permanência do querido médico é, pois, indispensável entre nós; retirá-lo seria criar um vácuo lastimável no coração deste povo, que, se tem o orgulho de o contar em o número dos vultos ilustres que aqui surgiram para a missão terrestre, deve também ter o direito de o conservar para que o seu mérito mais de perto o ilumine e felicite.

Assim, expondo a desagradável impressão que nos causou tal notícia nutrimos a esperança de que o pregadíssimo conterrâneo, considerando a sua brilhante posição e a sua indiscutível utilidade na terra de seu nascimento, não a privará da sua convivência, tão grata para aqueles que, em avultado número, o prezam com a mais alta amizade e admiração.

A Voz da Serra, inscrevendo-se, com grande honra, na lista desses amigos de S. S., espera, por tanto, que as palavras sinceras hão de lograr demovê-lo de seu propósito, uma vez que refletem o coração do povo passofundense”.

Passo Fundo, 18 de Fevereiro de 1936.

246 PRIMUS INTER PARES pg. 108

Como comprovante das considerações que teci na Nota anterior, transcrevo o artigo intitulado “Dr. Vergueiro” publicado n’A Voz da Serra, n.º 62, de 14 de Março de 1917, por motivo de meu aniversário natalício:

“A 7 do corrente festejou mais um ano de preciosa existência o nosso dedicado amigo Dr. Nicolau Vergueiro.

Por esse motivo “A Voz da Serra” fazendo exceção na forma porque se manifesta em geral, por iguais fatos, festejados pelos seus demais amigos, reveste-se de gala e vem a esta coluna manifestar a sua satisfação e trazer os seus votos para que essa data se reproduza por muitas sucessões de anos.

Na intimidade feliz de seu lar, fomos abraçar o amigo a quem somos muito gratos, leal e dedicado; ao sacerdote da ciência; ao médico humanitário, abnegado

e proficiente, que não mede sacrifícios sempre que se faz mister a sua presença, onde há a dor e o sofrimento.

Aqui nos é dado cumprimentar o cidadão de ilibado caráter, ao republicano sem jaça, esperança alcandorada dos Espartanos na cruzada republicana.

O Dr. Nicolau Vergueiro, pela sua educação e prática uniformemente manifestada nos verdadeiros princípios republicanos, pelo seu espírito de ordem, pela suavidade e firmeza na exigência ao cumprimento dos deveres, pela sua honestidade puritana, qualidades essas unidas a uma ilustração e inteligência de escol, não pode deixar de, naturalmente, ser expoente máximo no seio dos seus amigos e o “primus inter pares” no partido republicano de Passo Fundo.

E tanto assim é que vem merecendo ininterruptamente a confiança e o prestígio dos chefes dirigentes do partido e o unânime sufrágio de seus correligionários.

Há uma plêiade de republicanos para quem o Dr. Vergueiro será o novo Thomaz de Aquino, que, com o Lábaro sagrado da República, há de conduzir em nova cruzada ao nosso Jerusalém: a Democracia.

E, A Voz da Serra, voluntário da linha de vanguarda, embora contra os desejos e reiterados pedidos de Dr. Vergueiro, para não o retirar da sua injustificada modéstia, se ufana, no dia de hoje, em dar um hurra ao seu C...apitão”

Passo Fundo, 19 de Fevereiro de 1936.

247 A REVOLUÇÃO DE 1930 EM PASSO FUNDO pg. 111

Sobre esse assunto, transcrevo, do relatório do Sr. Henrique Scarpellini Ghezzi, então intendente municipal, apresentado ao Conselho, em 1º de Novembro de 1930, o que abaixo se lê. Esse artigo consta do Álbum da Revolução de 1930, da Livraria do Globo. Esse álbum traz duas fotografias minhas: uma, tirada por ocasião da passagem do Dr. Getúlio Vargas por esta cidade, estando este ladeado pelo General Góes Monteiro e por mim, e a outra, apanhada, nas proximidades

da Intendência, uma hora antes do ataque ao quartel do 8º Regimento de Infantaria.

“No dia 20 de Agosto ultimo chegava do Rio de Janeiro, via Porto Alegre, o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, deputado federal pelo Rio Grande do Sul e que, desde logo, me pôs ao corrente de um pretendido movimento revolucionário, de acordo com os dirigentes dos Estados de Minas Gerais e Paraíba, com ramificação nos Estados da União, fortemente apoiados pelas correntes liberais disseminadas pelo país, contra os desmandos e prepotência do Catete. Esse movimento seria chefiado pelo Dr. Getúlio Vargas, decididamente amparado pelos Drs. Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura, Flores da Cunha e muitos outros próceres do nosso Estado, com a declaração de que o eminente Dr. Borges de Medeiros não era contrário ao mesmo movimento, e mais que tínhamos a contar com a solidariedade de grande parte o Exército Nacional.

O Dr. Nicolau Araújo Vergueiro asseverou-me que havia dado todo o seu apoio e hipotecado toda a sua solidariedade, afirmando-lhe eu que também estava pronto a auxiliá-lo em tudo quanto fosse possível.

Começamos, de início, sob o pretexto de falta de policiamento do município, muito extenso e populoso, por aumentar o efetivo da polícia para 200 homens, o que foi rapidamente conseguido.

No dia 3 de Setembro, recebia o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro importante carta do Dr. Oswaldo Aranha, apresentando-lhe o general Miguel Costa.

Entre muitas outras declarações, destacamos as seguintes: “Não preciso encarecer a tua ação em tudo isso; és e serás a alavanca da serra. Sobre o teu prestígio e o teu valor assentam graves responsabilidades quanto ao golpe inicial. Confio tranquilamente em que tudo sairá a tempo e hora, porque conheço a tua capacidade e a do Miguel. Podes confiar nele: é um soldado digno num cidadão melhor. Põe todo o teu esforço para que o golpe, essencial ao movimento, seja rápido, seguro e eficaz. Isto feito, tudo o mais virá com ordem e segurança. Não há mais dúvida: a coisa sai e a vitória é nossa. Só assim, meu caro Vergueiro,

com o teu Passo Fundo à frente, teremos honrado os nossos compromissos com o povo brasileiro”.

O general Miguel Costa permaneceu, nesta cidade, até à madrugada de 2 de Outubro, quando seguiu para Marcelino Ramos.

No decorrer do mês de Setembro, recebemos 400 fuzis, 6 F. M., 130.000 tiros, 1 lança chamas e um lança minas, havendo, entre particulares, se conseguido aqui mais 150 fuzis e mais 20.000 tiros.

Desse armamento e dessa munição, levou o general Miguel Costa 50 fuzis, 2 F. M. e 50.000 tiros, de modo que ficamos com 500 armas e 100.000 tiros.

No dia 30, por um emissário vindo de Porto Alegre, recebeu o Dr. Nicolau Vergueiro aviso de que a revolução teria início, em todo o Estado, no dia 3 de Outubro, às 5 1/2 horas da tarde.

Obedecendo ordem superior, ao meio dia, da data em referência, aquele deputado mandou entregar ao comandante do 8º R. I. uma carta de Dr. Virgílio de Mello Franco, convidando-o a aderir ao movimento e oferecendo-lhe, devidamente autorizado, um lugar de destaque no Quartel General, em Porto Alegre.

O Coronel Álvaro Leitão de Carvalho, comandante daquela unidade, pediu prazo para responder até as 3 horas da tarde, o que, de fato, o fez por carta, recusando o convite.

Às 5 e meia exatas foi distribuído profusamente o seguinte manifesto:

Ao povo de Passo Fundo

Governador civil desta praça, em nome da Revolução Brasileira, cumpre-me fazer a presente proclamação, menos de exposição de motivos que de palavra de ordem, calma e respeito.

Povo da minha terra, confia na ação da tua gente, porque é ter confiança em ti mesmo.

O exército, que é tirado do teu seio, está conosco, em sua quase totalidade.

A nossa vitória é certa, como é certo que o povo do Brasil é livre.

Tem calma.

Não desesperes, porque a nossa ação é patriótica.

Será punido severa e sumariamente todo aquele que praticar qualquer ato de desrespeito ou depredação.

A esta hora todo o Rio Grande, como todo o Brasil, num vibrante hino de civismo, avança com a bandeira da liberdade a frente, contra as muralhas do despotismo, para destruir, com a labareda dos seus ideais, a bastilha, onde os maus brasileiros, políticos profissionais, vem tramando a nossa infelicidade.

Tudo por um Brasil novo,são e redimido.

Passo Fundo, 3 de Outubro de 1930.

Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

No quartel da polícia, para onde, à procura de armas, afluíram muitos civis, que se incorporaram à tropa, cujo efetivo assim se levou a 500 homens, foi feita distribuição de força e dada as ordens do cerco do quartel do 8º R. I., seguindo o Tte. Cel. Edmundo de Oliveira para ocupar a linha férrea até a avenida dos Eucaliptos; o Tte. Cel. Quim Cezar, da linha férrea as proximidades da linha matriz; o Tte. Cel. Marcos Bandeira, da Igreja até ao mato nos fundos do quartel e o Tte. Cel. Pires e o Dr. Lacerda de Almeida Júnior, do mato com ligação ao Tte. Cel. Edmundo.

À aproximação das nossas forças irrompeu, vindo do quartel do 8.º, cerrado tiroteio, correspondido, com toda energia, pelos nossos, que tomaram brilhantemente todas as suas posições, atingindo, portanto, o seu objetivo principal de momento.

Os tiros do 8.º tiveram pouca eficácia pela posição especial do quartel, sitiado de altos prédios, como o colégio Marista, Igreja, Hospital São Vicente, residências particulares, mato e ainda pela diferença do nível com a linha férrea, sendo os seus tiros dados ao correr das ruas, tendo o avanço de nossas forças se verificado sempre muito bem protegido, e assim se explica o pequeno número de baixas que tivemos.

Depois de cerca de uma hora de fogo, o mesmo cessou, caindo logo a noite, acompanhada de fortes pancadas de água.

Às onze horas, pelo telefone, o governador civil da cidade falou com o Cel. Leitão, indo ao quartel do 8.º o Tte. Cel. Quim Cezar que, concitando aquele comandante a render-se ou aderir, mostrou-lhe diversos telegramas da Capital do Estado, dando notícias da vitória das armas liberais em Porto Alegre, em quase todo o Rio Grande do Sul e em outros Estados da União, não dando resultado a sua visita, pois o comandante e os oficiais declaravam-se irredutíveis.

Às 3 horas da madrugada, o Dr. Vergueiro, também pelo telefone, declarou ao Cel. Leitão que já havia empregado toda a sua vontade no sentido de evitar derramamento de sangue, e que, esgotado assim esse desejo, iria cumprir o seu dever, e para isso dava o prazo até as 5 horas da manhã, a fim de ser retirada a família do Cel. Leitão, que se encontrava no quartel, e que aquela hora o mesmo seria bombardeado e, em seguida, tomado de qualquer maneira, custasse o que custasse.

Pouco antes já, as nossas forças haviam bem mais se aproximado do quartel, estreitando o sítio e tomando posição o lança minas a 200 metros.

Nesse momento foi hasteada bandeira branca, vindo o Tte. Cezar Martins à procura do Dr. Vergueiro para um entendimento com o comandante do 8.º. Recebido por este, foi o Dr. Vergueiro, que se fazia acompanhar pelo Tte. Cel. Quim Cezar, imediatamente conduzido ao salão de honra do quartel, onde se encontravam todos os oficiais, e depois de entabuladas as negociações para a rendição, foi lavrada uma ata, em duas vias, assinadas pelo Cel. Leitão e o Dr. Vergueiro, do teor seguinte: Aos 4 dias do mês de Outubro de 1930, no gabinete do comandante do 8.º R. I., em Passo Fundo, presentes o Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, Tte. Cel. Quim Cezar, Comandante e oficiais do corpo, ficaram assentadas as seguintes bases para a rendição do quartel: a) às praças será dada a liberdade de irem para suas casas e, nesse caso, não serão, de maneira alguma, hostilizadas, ou de aderirem ao movimento ou, finalmente de ficarem com os oficiais; b) estes consideram-se prisioneiros, comprometendo-se o Chefe revolucionário a enviá-los para Porto Alegre, onde se encontra detido o

Comandante da Região; c) para a viagem o Chefe revolucionário porá à disposição dos oficiais trens com as comodidades necessárias; d) em qualquer caso, os oficiais prisioneiros serão tratados com honras devidas aos seus postos; e) o comandante fará entrega ao Dr. Vergueiro, do quartel, com todo o material existente. E, de como assim ficou combinado, foi lavrada a presente ata, em duas vias, uma das quais ficará em poder do comandante e a outra do Dr. Vergueiro (assinados) Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, Cel. E. Leitão de Carvalho.

Do boletim militar n.º 231, fls 2, de 4-10-1930, consta o seguinte propósito do “Ataque ao Quartel”: “Ontem, cerca das 17 horas, nosso Regimento que, desde a véspera se achava de rigorosa prontidão, foi inopinadamente atacado por grupos de civis armados, que, tomando posição ora no barranco da estrada de ferro defronte do quartel, ora nos muros das casas sitas no seu flanco direito e ora no mato que lhe fica aos fundos, fizeram fogo sobre o edifício. O ataque foi repellido energicamente, ocupando os nossos homens as posições de antemão designadas. Durante a noite, em vista das negociações entabuladas entre Comando e chefes revolucionários, foi suspenso o ataque. A falta de víveres, de água, a escassez de munição, o isolamento em que se achava o Corpo, estando as guarnições mais próximas rebeladas e prisioneiros dos revolucionários os comandantes da Região e da Brigada, levaram o comandante e os oficiais do Regimento a negociar sua rendição a mais honrosa que a difícil situação permitia. Do combinado foram lavradas duas atas: uma assinada pelos oficiais e a outra pelo comandante e Dr. Vergueiro, a quem será entregue o quartel (assinados) Coronel Estevão Leitão de Carvalho, comandante. (confere) Major Armando Ribeiro, subcomandante.

Logo depois as forças civis, acompanhadas de enorme massa popular, postaram-se a frente da Intendência Municipal, onde, sob vibrantes aplausos, falou o Dr. Vergueiro, noticiando as bases da rendição e concitando o glorioso povo de Passo Fundo a continuar colaborando nessa obra benemérita da regeneração da República. O entusiasmo era indescritível, sendo calorosamente vivados os Drs. Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha, o grande herói dessa cruzada, e demais próceres políticos de Estado.

Poucos momentos antes do sítio do quartel, foi cortada a luz para o mesmo e arredores, continuando, porém, para o resto da cidade e, durante o tiroteio, dois projéteis acertaram no cano que conduz água do depósito até o quartel, ficando, após, o reservatório de muitos mil litros de água completamente vazio, e, portanto, os que ali se achavam, privados dos precioso líquido.

Na mesma ocasião, o telégrafo nacional foi ocupado pelo Dr. Victor Graeff e 4 civis, e a companhia telefônica pelo Sr. Arthur Lângaro, também com 4 civis.

A cadeia municipal ficou sob a guarda do Sr. Ruy Vergueiro, e a estrada de ferro, principalmente o serviço de rádio-telegrafia, ao meu cargo.

Os fornecedores do 8º não puderam, por ordem superior, entregar dois caminhões com víveres e velas, havendo o Cel. Leitão, pelo rádio, passado ao comandante da Região o seguinte recado, sob n.º 437, cujo original está em nosso poder: “Previsão ser cortada, luz elétrica mandei pedidos velas fornecedor recusou-se fornecer por estar casa vigiada ordem intendente ameaçados empregados caso atendessem. Estamos prontidão. Disciplina boa (assinado) Coronel Leitão.

Além de alguns feridos levemente, faleceu o cabo Amantino Albuquerque, pertencente à força do Cel. Marcos e mais o cabo Sady Freitas Vieira da Companhia de Metralhadoras do 8.º.

Ao meio dia de 4 de Outubro, em consequência de um rádio mal compreendido pelo Cel. Leitão, no qual pareceu-lhe ter aderido à revolução o general Gil de Almeida, comandante da 3ª Região Militar, aquele oficial resolveu aderir ao movimento revolucionário, o que fez no meio do maior entusiasmo, causando essa revolução verdadeiro júbilo entre oficiais, praças e civis.

Um pouco mais tarde, em consequência de um telegrama urgente do Dr. Vergueiro, afirmando ser falsa a notícia, o Cel. Leitão retirou a sua adesão, dispersando a tropa.

Aí, já havendo empenhado a sua palavra, mantiveram-se ao lado da causa revolucionária os Tenentes Carlos Cezar Martins, Jorge Gomes Ramos, João Andrade Aguiar, Boleslau Mierczynski, Jarcerdy Machado Hansen e Jacintho

Maria Godoy, tendo o primeiro assumido o comando e pouco depois classificado no posto de major, pelo Coronel Góes Monteiro.

Aqueles oficiais foram alvos das maiores simpatias e trataram, desde logo, da reorganização do corpo, que rumou ao “front”, seguindo dia 9, com o efetivo de 500 homens. Também aderiu o capitão Marcelo Pires Cerveira.

No dia 4, logo após da rendição, seguiu para Marcelino Ramos, com uns homens, sob seu comando, o tenente Laureano de Moraes Branco, que foi se incorporar a coluna do general Miguel Costa.

No dia 8, seguiu o Tte. Cel. Quim Cezar, para se juntar a mesma coluna, com civis, levando como major de sua força o Sr. Frederico Curio de Carvalho. Aquele, o Dr. Vergueiro entregou todo o armamento e munição que possuía.

No dia 6, com um contingente de 60 soldados, viajou para Marcelino Ramos o Tenente Hilário de Freitas, a fim de guarnecer a ponte sobre o Rio Uruguai.

Pelo exposto se vê que seguiram, só de Passo Fundo, 1.160 homens.

Viajaram para Porto Alegre, presos, os Srs. General Rondon e Coronel Estevão Leitão de Carvalho e seus oficiais.

O primeiro foi escolhido pelo Dr. Homero Martins Baptista, juiz de comarca; Dr. Veiga Faria, inspetor do Banco da Província; Ruy Vergueiro, primeiro notário; Olavo Hahn, funcionário municipal; Dr. Victor Graeff, advogado, e os oficiais de justiça Henrique de Almeida Cruz e Gabriel Ferreira Prompt; e os outros, e os outros pelo Dr. João Junqueira Rocha, advogado; Ivo José Ferreira, presidente do Conselho Municipal; Aristóteles Lima, fazendeiro; Philomeno Pereira Gomes, capitalista; Lauro Lima e Arthur Langaro, comerciantes.

Acompanharam o Cel. Leitão os oficiais Major Armando Ribeiro, Tenentes Arthur Pires da Rocha, Elysio Seixas da Silva Lopes, Edilberto Pinto Nogueira, Felicíssimo de Azevedo Avelino, José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Severino Sombra de Albuquerque, João Vicente Ferreira e Reginaldo Silva.

Seguiu também com o 8.º, para o campo de luta, o tenente reformado Jasson de Oliveira Menezes.

Teve início, a 4 de Outubro, a organização de 2 Corpos, que receberam a numeração de 38-39, ficando, respectivamente, sob o comando dos tenentes coroneis Edmundo Oliveira e Marcos de Oliveira Fortes.

Até o dia 10 tínhamos já aquartelados pouco mais de 1200 homens.

Alguns colonos, que vieram, foram dispensados.

Conforme ordem do Cel. Claudino, comandante da Brigada Militar do Estado, esses Corpos, como todos os demais, e em vista do grande número deles criados no Estado e do excesso de apresentação de voluntários em todos os municípios, tiveram o seu efetivo diminuído para 350 cada um.

Com as grandes vitórias obtidas em São Paulo e Rio, onde a 24 foi deposto e preso o Sr. Washington Luis, não se tornou mais necessária a remessa de forças para o norte e, por isso, foi dispensado o 39 Corpo, ficando o outro para guarnecer o quartel do 8º R.I., a ponte sobre o Uruguai, em Marcelino Ramos, e os viadutos.

Aquelas organizações 38 e 39 receberam, pelos seus comandantes e oficiais, a denominação de Corpos “Dr. Vergueiro” e “Borges de Medeiros”.

No dia 14, passou por esta cidade, em trânsito para o Paraná, o eminente Dr. Getúlio Vargas, general em chefe das forças revolucionárias nacionais. S. Ex. foi recebido com extraordinária vibração, sendo-lhe prestadas as homenagens devidas, às quais incorporou-se o povo de Passo Fundo, que lhe levou uma grandiosa e imponente manifestação de apreço, S. Ex. demorou-se apenas algumas horas nesta cidade. Em sua comitiva vinham o general Góes Monteiro, general Flores da Cunha, deputados federais João Neves da Fontoura, Ildelfonso Simões Lopes e Maciel Júnior, Dr. Maurício Cardozo, Dr. Luiz Aranha, Dr. Fernando Pereira, Coronel Fredolino Prunes e outras figuras de destaque.

Sobre uma mesa do quartel do 8º, encontramos uma caderneta de oficial, com observações sobre assuntos militares. Nela vimos algumas notas sobre o ataque ao quartel, as quais transcrevemos para aqui sem alterações e sem comentários: “Movimento revolucionário. Passo Fundo. Quartel do 8º R.I. Dia 3 de Outubro de 1930. Às dezessete horas, sibilar de latas sobre o flanco direito, à saída do rancho. Travessia do pátio. Companhia: reserva, soldados, munições. Depois uns

atirando, outros em baixo da cama. Novas tropas ao fundo do lado afastado. Oficiais dirigindo o serviço. Tiroteio forte à frente. Um morto. Depois calma, cai a noite, chuva fria, vento cortante. Horas horríveis de expectativa. Meia hora: aviso pelo telefone caso não queiram se entregar, retirar as famílias para se efetuar o bombardeio. Entra-se em negociações. Condição: rendição, entrega de todo o material, oficiais presos conduzidos a Porto Alegre. Às 4 horas de 4, retirada dos sitiados e os nossos da posição. Desarmamento às 8 horas, reunião de todos no pátio do quartel, vem o comandante, fala, diz tudo o que fez, isolamento nestas paragens, motivado descarta do comandante da Região. Recompensarão tudo. Adeus de despedida. Abalo profundo. Fisionomia de tristeza; olhos cheios de lágrimas. Debandada. Às 12 horas da mesma manhã, adesão do comandante. Repercussão. Providências. Volta das praças. Contentamento geral. Apresentação dos paisanos. Oficiais. Verdadeira invasão. Chega às 14 horas. Às 15 horas incerteza do comandante. Re-lê o telegrama: General Gil teria aderido, telegrafa-se ao... espera-se. Resposta às 17 horas. Nossa atitude. Impressão desairosa. Nosso abalo que se estendeu pela cidade toda. Retrocesso amargurado dos voluntários. Minha atitude. Processo Tenente Cezar Martins, revelo-lhe a minha decisão inabalável. Vamos na casa do Dr. Vergueiro.”

- Do relatório apresentado ao Conselho Municipal, em 1º de Novembro de 1930 (assinado) Henrique Scarpellini Ghezzi”.

- O boletim militar n.º 231, que vem à página 123, é inteiramente falso, quando afirma que o ataque foi repellido energicamente. Não exprime de modo alguma a verdade.

Passo Fundo, 21 de Fevereiro de 1936.

248 CARTAS DE MEU PAI pg. 137

Logo após a morte de minha Mãe, em Porto Alegre, a 9 de março de 1900, encontrei, entre seus papeis, um cartão que meu Pai, quando seu noivo, lhe escreveu e mais três cartas. Guardei sempre com amor, respeito e carinho esses

preciosos e queridos documentos e, hoje, com a maior veneração, os registro, nestas Notas Íntimas.

“O seu feliz noivo

João de Vergueiro envia-lhe infinitas saudações, e protesta-lhe o seu mais puro e dedicado amor.

Sarandi, 25.04.1879”

“Porto Alegre, 17 de Março de 1883.

Carolina!

Aqui cheguei ontem depois de uma feliz viagem.

Estimarei que tanto você quanto os nossos filhinhos continuam a passar bem.

Estou tratando de acelerar o mais possível os meus negócios a fim de seguir viagem. Espero que possa conseguir ir no vapor que deve sair daqui no dia 21.

O Eduardo vai indo bem e na viagem deu-se perfeitamente com o Jorge.

De Cachoeira não tive tempo de te escrever pois cheguei na Estação na ocasião da partida do trem, tanto

Que cheguei a esta cidade de botas e trajas de viagem.

Pretendo ir hoje consultar um médico concernente a moléstia do Nicolau e pelo Barão te enviarei os medicamentos que forem recomendados.

Diga a minha sogra que peça ao Dr. Krim a consulta sobre os seus sofrimentos e você me arremeta para Santos.

O Barão e o Capitão João Schell ainda se demorarão aqui – não sabem ao certo quando seguirão.

Transmita um beijo no nosso casazinho de filhos, recomenda-me muito à minha sogra, Lucinda e mais membros da família e aceite um apertado abraço de teu marido Vergueiro.”

“Carolina!

Desejo-te e aos nossos filhinhos saúde e prosperidades.

Realizei satisfatoriamente os meus negócios nesta cidade e sigo daqui a uma hora querendo dessa viagem para o Rio Grande.

Pretendia demorar-me durante a Semana Santa nesta cidade, mas a vontade de voltar o quanto antes faz com que me embarque hoje.

Porto Alegre está insípido – o Eduardo está louco por voltar.

Assim que chegue a Santos te escreverei, contando minuciosamente de tudo por lá.

Dê por mim um beijo nos nossos filhos e aceita um apertado abraço do teu marido Vergueiro.

Porto Alegre, 22 de Março de 1883.”

“Carolina!

De coração te desejo e ao nosso filho saúde assim como aos mais membros da família.

Aqui chegamos no dia 2 do corrente, às 3 horas da tarde, com muita chuva, mas sem maiores contratempos.

Vimos encontrar a casa do Benedito, como era de esperar desolada. Combinamos com ele e a mana Cidalia levamos as crianças e ele vai coordenar aqui os seus negócios e depois ir a fim de lá combinarem com minha sogra qualquer coisa de determinante.

A mana Cidalia escreve para lá mais circunstanciadamente.

Está se providenciando a fim de podermos sair daqui no dia 7 e creio que teremos de fazer a viagem em 5 ou 6 dias.

Tanto eu como o Daniel, a mana Cidalia e Maneco e o Sr. Joãozinho e irmão estamos desesperados para voltar.

Pode ser que devido as circunstâncias anormais – tenho achado este lugar muito ruim de viver-se.

Peço-te encarecidamente que tenhas cuidado contigo e com o Nicolau. Abraço-te e ao nosso filho apertadamente, teu marido Vergueiro

Vacaria 4-9-1835”

Nas cartas de 1883, meu Pai refere-se ao seu casal de filhos e na de 1885 só a mim, por isso que, entre esses anos, faleceu, em consequência de croup, a sua filha mais velha chamada Emília. A Izaura só nasceu mais tarde em 1887.

Passo Fundo, 22 de Fevereiro de 1936.

249 MAIS UMA CARTA pg. 142

Residiu, entre os anos de 1910 e 1918, nesta cidade, o Sra. D. Laurentina Pillar. Durante aquele tempo fui sempre o médico assistente de sua família, e, por isso, fizemos muito boa amizade.

Certa vez me referiu que possuía em seu poder, em Cruz Alta, onde residira, uma carta que o meu Pai dirigira ao seu Pai, e que faria todo empenho em procurá-la, remetendo-me a para aqui.

De fato, passados já alguns anos, quando eu nem mais a esperava, chegou as minhas mãos a referida missiva, que é, ao mesmo tempo, um interessante documento histórico, sobre a criação de uma nova Província.

Transcrevo a carta, que guardo com especial carinho.

“Ilmo. Exmo. Sr. Coronel

João Baptista Vidal de Almeida Pillar

Em Cruz Alta.

Peço aV. Ex. desculpa, por não ter respondido a carta que dirigiu-me em data de 21 de fevereiro PP, com mais antecedência. Depois desse tempo só vim a esta Vila, desta vez, assistir aos trabalhos da Câmara Municipal, em sessão ordinária.

Tudo quanto V. Ex. ponderou-me no ofício dirigido a Câmara desta Villa, acerca da criação de uma nova província – dividindo em duas a do Rio Grande, - não convenceu-nos da procedência e utilidade do projeto. Sobre abundam razão, que contradizem a sua aceção. Essas razões não demandam exposição desenvolvida, porque são intuitivas.

Não basta a autonomia administrativa da região banhada pelo Uruguai para a felicidade dos povos; tal autonomia, uma de outras condições, será talvez a cornucópia de sensíveis male e não a mão fecunda de benefícios. A integridade da Província, assim como a do Império, cimentada nos sentimentos que mais nobilitam o coração do cidadão – o patriotismo, a nacionalidade – é um dogma que tem profundas raízes na opinião. A história do nosso País, a todo o momento, o comprova: - nos altos poderes do Estado pouco valem as pequenas ou fracas províncias; valem, porém, muito, as grandes e fortes.

Exprimindo-me, d'est'art, sinto bastante discordar de V. Ex., em assunto de tanta magnitude, porém minha fraca inteligência e minha consciência, aconselham esta norma de proceder: não quero, nem devo traí-las.

Aproveito a ocasião para apresentar a V. Ex. os protestos de minha estima e alta consideração e subscrevo-me

De V. Ex. att. Ven.º e Cr.º

João de Vergueiro

Passo Fundo, 18 de Junho de 1877.”

Passo Fundo, 23 de Fevereiro de 1936.

250 UMA APRESENTAÇÃO POLÍTICA pg. 145

O jornal O Gaúcho, que durante muitos anos se publicou nesta cidade, lançou, em 3 de Abril de 1909, em seu número 9, o seguinte artigo, epigrafeado “Dr. Vergueiro”

“A eleição do dia 29, para deputados à Assembleia dos Representantes do Estado, trouxe, à tona da política riograndense, entre outros nomes de distintos moços, que ora aparecem com investidura popular, o do nosso prezado conterrâneo Dr. Nicolau Araújo Vergueiro.

Não é um desconhecido na política o distinto médico de Passo Fundo, se bem que muito jovem ainda.

Tão cheio de merecimento e talento, quanto modesto e abnegado, o nosso esforçado companheiro de lida e preclaro amigo, em poucos anos, fez um nome invejável como clínico, e uma reputação exemplar como político, o que lhe tem valido as justas considerações e o prestígio de que goza em nosso meio.

Presidente do Conselho Municipal, que conta em seu seio respeitáveis venerandos; presidente re-eleito por aclamação do Clube Pinheiro Machado; recusante insistente do cargo de intendente do município e companheiro político sempre ouvido com proveito pelo seu seguro critério, são provas inequívocas dos merecimentos políticos do novo deputado pelo 2º círculo.

S. Ex., aceitando a apresentação da sua candidatura, o fez unicamente em obediência ao seu ilustre chefe e amigo Sr. Coronel Gervazio, e às injunções do dever cívico.

Avesso por temperamento a qualquer espécie de destaque; moço; casado com uma distintíssima porto-alegrense de primorosa educação e excelsas virtudes; residindo no seu elegante palacete; dispondo de avultada fortuna patrimonial e de rendosa clínica; apreciado na sua roda de amigos que se compõe de todos os que com S. Ex. mantém relações de amizade sem restrições partidárias, o nosso abnegado amigo sacrifica todas as suas comodidades e vantagens, para servir o seu partido com essa dedicação que o torna digno de ocupar a sua cadeira de representante do povo entre os veteranos da honrosa investidura.

Apresentando o novo deputado à imprensa política do partido, fazemos com segurança de que o modesto filho da região serrana é digno da sua simpatia, como um dos que bem merecem da Pátria Riograndense pelos seus serviços e pelos seus merecimentos pessoais.

Passo Fundo, 24 de Fevereiro de 1936.

251 UM VOTO DE PESAR pg. 148

No Rio Grande do Sul, desde a revolução de 1893 a 1895, a política sempre decorreu em um ambiente de ódios recíprocos e de ataques pela imprensa, às vezes, quase sempre, proferidos em linguagem verdadeiramente virulenta.

De um lado A Federação, órgão do Partido Republicano, e de outro A Reforma, órgão do Partido Federalista, mimosearam-se, todos os dias, com os mais ásperos e ofensivos adjetivos.

Para a Assembleia dos Representantes do Estado, só eram eleitos deputados pelo Partido Republicano, até que o eminente Dr. Borges de Medeiros promulgou em 1912, a sua lei da representação das minorias, dando lugar a que, em 1913, fosse eleito o Dr. Jorge da Silveira Pinto, o primeiro federalista que, naquela câmara, tomou assento.

Em princípios de Setembro de 1911, faleceu, nesta cidade, em avançada idade, e fui seu médico assistente, o general José Ferreira Prestes Guimarães, prestigioso chefe federalista e que, no regime monárquico, exercera o cargo de governados do Estado.

Em 24 do mesmo mês, tomei a palavra, na Assembleia, e depois de estudar a interessante personalidade de Prestes Guimarães, fazendo o seu merecido necrológio, propus que, na ata dos nossos trabalhos, fosse assinado um voto de pesar, o que foi unanimemente aprovado e, dois dias depois, em 26, A Reforma publicara a seguinte notícia que transcrevo:

“O deputado estadual, Dr. Nicolau Vergueiro, propôs, na sessão de sábado, da Orçamentária, um voto de pesar pelo passamento do saudoso chefe federalista, general Prestes Guimarães.

Somos-lhe agradecidos, não porque S.S. nos haja dispensado um favor, mas porque tão habituados estamos às impiedades da intolerância ferrenha da situação, que mesmo os atos da mais estrita justiça já nos causam espanto, quando, por acaso, são praticados.

Passo-fundense digno, e não saturado, sem dúvida, ainda, de tal intolerância, o ato do Dr Vergueiro, se nos não penhorasse pela sua espontaneidade distinta, nos confortaria pela certeza de não ser S. S. um energúmeno.

De resto, todos os passofundenses se irmanaram nas homenagens sentidas ao varão preclaro que era o Patriarca da Serra. E o federalismo o agradece, com abundância d'alma”.

Depois de proferir o meu discurso, estive em Palácio, onde dei ciência do mesmo ao Dr. Borges de Medeiros, chefe do Partido e Presidente do Estado, o qual não só concordou com o meu ato, como elogiou-o.

252 O SEU SUBSTITUTO pg. 152

O discurso pronunciado em 4 de Março de 1912, pelo Coronel Gervazio Lucas Annes, por ocasião do aniversário do Dr. Serafim Terra, então engenheiro chefe da comissão discriminadora de terras deste município, foi o ponto longínquo, e de partida, da luta, que moveram-me certos aspirantes de posições locais.

Desde aí, comecei a ser, às escuras, e de modo lento e constante, atacado por elementos de Pedro Lopes de Oliveira, que aspirava a chefia do Partido Republicano, de Passo Fundo.

O jornal O Gaucho, que se tornou, mais tarde, o órgão dos meus adversários, em 9 daquele mês e ano, noticiando longamente a concorrida manifestação, que levamos aquele saudoso amigo e correligionário, inseriu, em suas colunas, entre outras coisas, o seguinte:

“Seguiu-se com a palavra, momentos depois, o nosso ilustre amigo Dr. Araújo Vergueiro, que agradeceu, em nome do Dr. Terra, a presença do Coronel Gervazio naquela festa, proferindo eloquente discurso, em que enalteceu a ação política e o merecimento pessoal do acatado chefe republicano de Passo Fundo, terminando por erguer-lhe um brinde, que foi calorosamente correspondido pelo seleta auditório.

O Coronel Gervazio, agradecendo as palavras do Dr. Vergueiro, fez a apologia dos serviços prestados à política republicana pelo Dr. Terra, pondo em relevo os predicados distintos que o escarnam.

Aludindo a política do município, à qual o Dr. Vergueiro fizera referência, reafirmou o seu constante propósito de mantê-la no retilíneo caminho que tem trilhado até hoje, para que possa ela cooperar eficazmente para o progresso do município e para a glória, cada vez maior, da bandeira que defendemos, desideratum para o qual se desvanecia de contar com um núcleo de auxiliares devotados, como o Dr. Terra, o Dr. Vergueiro e outros, cuja cooperação era verdadeiramente preciosa, para o desempenho da sua árdua missão de chefe do Partido.

Disse mais que ser-lhe ia motivo de verdadeira satisfação se no dia em que se afastasse desse posto, fosse nele substituído pelo Dr. Vergueiro, a quem teceu os mais honrosos elogios, e apresentou como portador de todos os predicados necessários para o desempenho brilhante dessa tarefa espinhosa.”

Passo Fundo, 26 de Fevereiro de 1936.

253 UM AGRADECIMENTO pg. 155

Entre os muitos agradecimentos, a propósito de casos clínicos, que conservo em meu arquivo, transcrevo apenas um, publicado por João Baptista Curio de Carvalho, em 26 de Agosto e 1916, em o seu jornal A Voz da Serra, e não o faço por mera e boba vaidade, mas em consideração ao seu signatário, que se revelou sempre, em todas as épocas, nos bons e nos maus tempos, um verdadeiro, sincero e dedicado amigo.

O Tenente Curio, oficial reformado do Exército, que residiu, muitos anos, nesta cidade, transferiu, no começo deste ano de 1936, a sua residência para S. Paulo, S. José dos Campos, em consequência de enfermidade pulmonar de seu jovem filho Ubiratan.

Sofreu o prezado amigo, com a morte de sua Esposa, D. Theophila, a quem Deus Haja em seu seio, quando eu estava no exílio, um tremendo baque, um profundo golpe.

Tornou-se religioso praticante e todos os domingos ia, a pé, ao cemitério local, pela madrugada, em visita ao túmulo de sua digna companheira.

Espírito forte, alma boa, coluna vertebral de aço, de grande calma e de valentia comprovada, nunca o vi desesperar.

No seu rosto magro e pálido, de barba, grisalho, a Nazareno, sempre houve um sorriso, misto de dor e de saudades de sua esposa. Muitas vezes, encontrei-o, pela manhã, já de volta da necrópole, sob chuva torrencial, e o conduzi, de auto, à sua residência.

D. Theophila era uma mulher virtuosa e enérgica. Certa vez, que o Dr. Arthur Caetano da Silva, seu irmão, agrediu, pela imprensa, ao seu esposo, de modo estúpido e irreverente, saiu de chicote, à rua, e, ao encontrá-lo, avançou resoluta para ele, que, para não apanhar, correu vergonhosamente.

No caso de Curio, pobre como era e é, faltava sempre dinheiro, mas sobrava sempre alegria: ainda não vi, no grande número de lares em que hei penetrado, um casal mais feliz.

Depois dessas referências, que me brotaram ao correr da pena, transcrevo o artigo, intitulado “Gratidão”.

“Definiu ilustre pregador sacro que o segredo da felicidade está em se fazer os outros felizes”.

Ditoso o homem que conhecendo esse axioma o pode aplicar em toda a sua plenitude de beleza irradiante.

Existe em nossa terra um que, talvez ignorando a existência do enunciado, entretanto cotidianamente o aplica, transformando o exercício de sua profissão no verdadeiro sacerdócio do bem.

Onde há uma dor, onde há o pranto, onde está o sofrimento, qual Anjo da Caridade

É ele quem enche de flores

E de alegrias o lar;

Quem faz sorrir as crianças,

Quem faz os velhos orar!

Quem em Passo Fundo ainda não teve em sua cabeceira, ou de algum ente que lhe é caro, a pessoa do bondoso médico Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, trazendo-lhes os eflúvios suaves da esperança, qual como o sol que vivifica?

É este o Anjo da Caridade a quem me refiro, é ele que por muitas vezes já tem restituído a alegria no meu lar, o riso a meus filhos e, por isso em nossas orações, em família, jamais deixaremos de rogar a Deus que transmita ao seu lar as felicidades, que tantas vezes tem sido portador para o nosso.

Ainda agora, foi esse apostolo da ciência médica que, auxiliado pelo ilustre facultativo Dr. Hildebando Varnieri, a quem também transmito a minha gratidão, com uma dedicação um par e uma proficiência inaudita, arrancou das garras de uma morte fatal a minha cara esposa e extremosa mãe de uma numerosa prole, que esteve em franca manifestação de eclampsia.

Para completa felicidade, conseguiu ainda evitar o sacrificio da vida da criança, que graças à sua perícia e sentimento de humanidade, lhe foi dado conhecer a luz do dia.

Por isso dei ao meu filhinho o nome de Nicolau Grato: Nicolau será o nome que a minha família ensinará a amar; o de Grato me trará sempre em mente o sentimento profundo da minha imorredoura gratidão ao bom amigo e caridoso médico, que me livrou de uma fatal e acerba dor”

(assinado) João Batista Curio Carvalho 21.08.1916”

Passo Fundo, 27 de Fevereiro de 1936.

Encontrei, em meu arquivo, uma nota referente a um fato, de que não mais me recordava.

Em 16 de maio de 1906, trabalhava, nesta cidade, uma pequena e muito pobre companhia de cavalinhos, e, nessa noite, fui chamado, cerca das onze horas, a atender um mísero palhaço, que, atirando-se de um trapézio, sobre serragem de madeira, tivera a infelicidade de cair em um caco de vidro, que profundamente lhe cortou um pé.

Conduzido para a Farmácia dos Pobres, de Oscar Pinto de Moraes, fiz-lhe o necessário e demorado curativo, havendo deixado, no corredor, o meu casaco, dependurado em um cabide.

Imediatamente depois da saída do palhaço, cuja fisionomia de dor, de sofrimento e quiçá de fome haviam me causado imensa piedade, dei pela falta de minha carteira, que tinha, além de vários papeis, a importância de cem mil reis em dinheiro, e logo fiz voltar o homem ao consultório. Revistando-o, encontrei em seu bolso, a carteira sonhada.

Eu não lhe havia cobrado nem sequer o material cirúrgico empregado e, revoltado, diante de semelhante ato de cinismo, só lhe perguntei:

- Porque você me roubou a carteira?

E a resposta foi essa:

- Porque sou muito pobre e você é rico, porque você está com a barriga cheia e eu estou com fome, e esse dinheiro não lhe faz falta... e desandou a chorar, pedindo-me que não o castigasse...

Dei-lhe 20\$000 n.º e mandei-o embora. Além de ingrato, ladrão... mas com fome.

255 ANO BISSEXTO pg. 163

A data de hoje corresponde, 29 de Fevereiro, ao ano bissexto.

Nada de anormal tenho a consignar, mas lembro-me que, nesse dia, de 1904, faleceu em Porto Alegre, à rua Marechal Floriano, n.º 166, o meu amigo e então futuro sogro João de Andrade Leite, cidadão de aprimoradas virtudes pessoais, e a quem, nesta nota, rendo, sinceramente, o meu preito de imensa saudade e de profundo respeito.

Estávamos, às 2 horas da tarde de 28, tomando chimarrão na varanda, quando o Sr. João Leite deixou cair a cuia e, tentando levantá-la do assoalho, caiu, não mais falando e falecendo ao escurecer do dia 29. Vitimou-o uma hemorragia cerebral. Era eu estudante do 5º ano de medicina.

Passo Fundo, 29 de Fevereiro de 1936.

256 CARREIRAS pg. 164

Durante os anos de 1910,1911 e 1912 dediquei-me à corrida de cavalos.

Organizei, no Passo da Areia, uma coudelaria com os seguintes animais:

Actor, tostado, ½ sangue;

Biguá, zaino, ½ sangue;

Ypiranga, tostado, ¼ sangue;

Vesta, tostada, ½ sangue e

Cauby, tordilho, ¾ de sangue.

Durante esses três anos, meus animais correram sete vezes, digo oito, ganhando sete e empatando uma, como se segue:

1ª) Em 15 de Junho de 1910, na raia do Pinheiro Torto, pela parada de 2:500\$000 n.º, correram, no trio de 3 quadras, Actor e Pica-pau, este do Coronel Antonio

Ramos Barroso. Meu corredor foi Ireno Lemos de Moraes. Ganhou o meu potrilho, de luz.

2ª) Em 12 de Novembro de 1910, na raia, onde, hoje, é o Hospital de Caridade, pela parada de 2:500\$000 n.º, correram, no tiro de 4 quadras, Actor e Polaco, este pertencente ao Sr. Luiz Langaro. Polaco era um animal $\frac{3}{4}$ de sangue, filho de Bismark e que vinha das pistas de Porto Alegre, onde corraera com o nome de Independente. Ganhou Actor folgadoamente, de luz. Corredor o mesmo Ireno.

3ª) em 15 de Novembro de 1910, na cancha do Pinheiro Torto, pela parada de 2:000\$000n.º, em duas quadras, mediram forças Biguá e Garibaldi, de Luiz Langaro. Biguá, que ganhou, fácil, de luz, era montado pelo mesmo Ireno. Garibaldi provinha do prado de Porto Alegre, onde corraera com o nome de Cysne.

4ª) Em 10 de Abril de 1911, correram na raia dos Malacaras, em Carazinho, pela parada de 3:000\$00 n.º, em 5 quadras, Actor e Baio Thezoura, este de propriedade do Sr. Ernesto de Quadros, de Palmeira.

Foi a carreira de maior jogo que tinha visto, pois Baio Thezoura, além de ser de uma parceria de gente muito rica, era um cavalo de grande fama, que nunca perdera uma só corrida. Meu animal foi montado por Edmundo Dalmacio de Oliveira, levando este, a mais, sobre o outro corredor, 10 quilos de peso. Nessa carreira joguei doze contos. Ganhou Actor de luz, desde a primeira quadra.

5ª) em 18 de Novembro de 1911, na mesma raia do Malacaras, em 4 quadras, por 1:500\$000 n.º, defrontaram-se Biguá e São Sepé, do Cel. Antonio Ramos Barroso. Houve empate. Meu corredor foi um negrinho Victor.

6ª) Em 14 de Dezembro de 1911, na raia onde está, hoje, o Hospital de Caridade, correram Ypiranga e um animal preto, do Sr. Júlio Magalhães. A parada foi de 1:000\$000 n.º e o tiro de 4 quadras. Ganhou Ypiranga, de luz. Corredor o mesmo Ireno.

7ª) Em 18 de Junho de 1912, na cancha do Pinheiro Torto, em 4 quadras, por 2:500\$000 n.º, correram Actor e Marechal Oyama, de propriedade do Sr. Leôncio Rico, que o mandara buscar em Lagoa Vermelha, especialmente para correr o meu Actor. Este foi pilotado por um corredor, vindo de Palmeira, por apelido

Pepé. Nessa carreira deram-se graves incidentes antes, durante e depois da carreira. Actor ganhou facilmente, fazendo luz desde a primeira quadra. Três dias antes, graduamos Actor em 4 quadras, com 62 quilos, e em cancha de arrepio, constatando o tempo de 32 segundos.

8ª) Em 20 de novembro de 1912, em uma raia, na propriedade Graeff, desta cidade, correram, em três quadras, por 2:000\$000 n.º, Actor e Ideal, de Ernesto Lacombe, residente em Cruz Alta. Montava o meu parrelheiro o Sr. Inocêncio Rocha. Ganhou também Actor, de meio corpo.

Os meus “pingos” tinham por compositor, e hábil, o Sr. Juca Valente, conceituado “entreineur”, que mandei vir de Lagoa Vermelha, onde gozava de merecida fama, nesse sentido.

Fazia eu uma despesa, com sustento dos animais, compositor e empregados, de mais de 700\$000 n.º por mês, o que, em 3 anos, somados, dá um total de cerca de 30:000\$000 n.º por mês, donde, claramente, se vê o meu prejuízo, apesar de nunca ter perdido uma só carreira.

Nas paradas, além de certa percentagem aos corredores, via-me na obrigação de dar jogo a alguns amigos, apesar de nunca auxiliarem nas despesas.

O que, porém, mais me levou a abandonar, definitivamente, esse esporte foram, por sem dúvida, as contrariedades, questões com os contrários, decorrente inimizades e, mesmo, alguns sérios conflitos em que, a contra gosto, me vi envolvido.

Resultado de tudo: corri 8 carreiras, ganhei 7, empatei 1, perdi dinheiro e fiz alguns desafetos, entre os quais um por quem tinha grande amizade e consideração. Sr. Leôncio Rico, a quem, desde pequeno, me acostumara a respeitar e a querer, devendo-lhe até certa obrigação, por isso que, quando eu aluno do Colégio Nossa Senhora da Conceição, em 1894, em São Leopoldo, tirava-me carinhosamente, do colégio, todos os domingos, para passear e almoçar em sua casa, naquela cidade.

Passo Fundo, 1º de Março de 1936.

257 RINHAS DE GALO pg. 170

Durante os anos de 1913, 1914 e 1915 tornei-me galista.

De sociedade com Egydio Silveira, organizei uma forte coudelaria de galos de briga, tendo como compositor o índio Costa, que, em verdade, muito entendia desse assunto.

Houve um grande entusiasmo, e todos os domingos, das 8 horas da manhã em diante, fazíamos as “peleas”.

O melhor galo, que possuí, era chamado Xerengue, com o peso de 2.500 gramas, e, com ele, ganhei 8 rinhãs e empatei uma.

Encontrei, entre meus papeis, a seguinte estatística:

Em 193

Ganhas	Perdidas	Empates
Xerengue 5	Branco Costa 1	Cinzento 1
Cavaco 3	Negrilo 1	Sapecado 1
Neurastênico 3	Mára Bicho 1	Rápido 1
Mulato 2	Pintura 1	Pimenta 1
Brasil 2	Maroto 1	
Caraguatá 2	Brasil 1	
Branco da Costa 1		
Mára Bicho 1		
Pintura 1		
Cinzento 1		
21	6	4

Em 1914

São Luiz 4	Neurastênico 1	Xerengue 1
Jaguarão 3	Pinturinha 1	
Xerengue 3	Sapecado 1	
Santelmo 3	Dormente 1	
Cavaco 2	Preto Velho 1	
Sapecado 1	Negrume 1	
Índio Velho 1	Xerenguinho 1	
Pinturinha 1	Solito 1	
Negrume 1		
Villa Rica 1		
Rio Grande 1		
Xerenguinho 1		
Neurastênico 1		
Cachoeira 1		

24

8

1

Em 2015

São Luiz 3	Cachoeira 1	Soldado 1
Xerenguinho 3	Rio Grande 1	Togo 1
Negrito 3	Yeddo 1	Joffe 1
Joffe 2	Sapecado 1	Prateado 1
Jaguarão 2	X 1	Cigano 1

Murilo 2	Liége 1		
Liége 2	Fon-fon 1		
Cigano 2	Zepelin 1		
X 1			
Cachoeira 1			
Soldado 1			
Togo 1			
Fon-fon 1			
Zepelin 1			
25	8	5	
70	22	10	

Resultado dos três anos:

Ganhas 70

Perdidas 22

Empates 10

Certa vez, aborreci-me muito no rinhadeiro, chegando mesmo a dar escândalo, pela minha linguagem forte, veemente e atrevida, por isso que envenenaram-me um galo, pouco antes de largá-lo no tambor, por uma parada porta de 500\$000 n.º. Declarei então que, durante 10 anos, não poria os meus pés em semelhante local, o que cumpri.

Até hoje ignoro o malvado que, daquele modo, procedeu.

Em 1929, o meu amigo, Dr. Valentim Aragon, sub-chefe de polícia, residente em Porto Alegre, mandou-me, de presente, um galo branco, com 2.100 gramas.

Antes mesmo de branquinho aqui chegar, já se sabia que eu iria receber um animal valente, e que, na Capital do Estado, já contava com cinco vitórias.

Ao meu amigo Ademar Campos, entreguei-o.

Naquele ano, em 1930 e 1931 fi-lo pelar, em Passo Fundo, cinco vezes e em todas saiu vencedor.

Foi o galo mais formidável que tinha conhecido: liquidou os seus adversários entre 10 e 20 minutos.

Em uma das rinhas, o prejuízo foi grande, e eu o calculei em mais de cinco contos de reis: só o Henrique Scarpellini Ghezzi ganhou para mais de dois contos.

Morreu o “galo branco” em 1932, sem uma lesão sequer de olhos ou de bico.

Passo Fundo, 1º de Março de 1936.

258 CAIXA DE TROCA pg 174

Veio, hoje, ao meu consultório, um fazendeiro residente no 6º distrito deste município.

Homem rico, de cerca de 60 anos, mas profundamente atrasado, dirige um velho automóvel Ford que, em geral, mais vive nas oficinas, recebendo composturas.

Em sua companhia, veio a sua esposa, mulherzinha magra, desdentada e feia.

Depois do habitual cumprimento, foi, desde logo, o caboclo, assim se expressando:

- Dr., trouxe aí essa mulher para o Sr. Examinar; ela anda muito doente e está com a “caixa de troca” estragada, e eu, Dr., também quero um remedinho, porque já não pego mais de arranque, só a “manivela”.

Depois de muito me rir, acompanhado pelo marido, que dava boas gargalhadas, examinei a ambos: a mulher estava no período da menopausa e, para tal lhe receitei alguns medicamentos.

Quanto ao homem, ou melhor meio homem, receitei comprimidos de androsten Ciba, contando-lhe a seguinte anedota:

- Olhe, meu amigo, esse remédio é muito bom, e você, com ele, vai ter excelente resultado: certa vez, um cozinheiro, que estava preparando uma macarronada, deixou, por descuido, cair um desses comprimidos na panela, e, daí há meia hora, todos os macarrões ficaram tão duros, que chegaram a tirar a tampa da panela para fora...

O velhote, todo sorridente, foi à farmácia, onde comprou, de uma vez, dois vidros...

Passo Fundo, 2 de Março de 1936.

259 CLUBE PINHEIRO MACHADO pg. 176

Em 3 de abril de 1909, o jornal O Gaúcho, em seu número 9, publicou o seguinte, sob aquela epígrafe: “De conformidade com a convocação feita por esta folha, sábado passado, à noite, reuniu-se o Clube Pinheiro Machado, a fim de proceder à eleição de seu novo presidente. À hora marcada, presentes todos os membros da diretoria e grande número de sócios efetivos, ocupou a presidência o Dr. Araújo Vergueiro, ladeado pelo Coronel Gervazio Lucas Annes e o Dr. José Dario de Vasconcellos, e declarou aberta a sessão, expondo o seu fim e lendo, em seguida, o relatório da marcha do Clube no ano social que expirava, documento esse que causou excelente impressão no ânimo da numerosa assembleia, merecendo desta uma prolongada salva de palmas.

Passando-se a proceder a eleição de presidente, pediu a palavra, pela ordem, o sócio Dr. Roberto Cunha e Silva, que depois de fazer elevadas considerações sobre a gestão do Dr. Vergueiro e seus dignos auxiliares, propôs se dispensasse a votação, em vista de ser desejo unânime da assembleia a reeleição do ilustre presidente, que tanto e tanto se esforçara pelo engrandecimento do Clube, bem como a conservação de todos os demais membros da diretoria, igualmente esforçados e merecedores de aplausos.

Essa indicação foi coberta por estrepitosa salva de palmas, e o Dr. Vergueiro, comovido, agradeceu-a, reafirmando o seu compromisso do bem servir o posto de confiança, que por segunda vez lhe conferiam seus correligionários e em cujo desempenho havia de por em prática os seus mais ingentes esforços.

Por essa forma reeleito, o ilustre presidente, de conformidade com os estatutos do Clube, escolheu para o cargo de vice-presidente o sócio Francisco Antonino Xavier e Oliveira, que já exercera tais funções no ano social findo, e cuja nomeada foi aprovada pela assembleia.

O Gaúcho, consagrando a brilhante reunião estas ligeiras notas, dá parabéns ao Clube Pinheiro Machado pela conservação de sua operosa diretoria, a que igualmente felicita pela sua merecida reeleição, da qual muito tem a esperar o distinto grêmio republicano, por cuja crescente prosperidade fazemos sinceros votos.

260 RELATÓRIO DO CLUBE PINHEIRO MACHADO pg.

179

Eis o relatório, a que se refere o a artigo anterior, e que foi publicado, no mesmo jornal, dia, mês e ano iguais: em 3-4-1909:

“Ilustres consócios.

Em obediência aos estatutos, que regem os destinos deste Clube, venho, no exercício do cargo de presidente, cujo mandato hoje findo, expor-vos a marcha dos negócios desta patriótica associação, durante o prazo decorrido de 16 de Março de 1908 a 16 de Março de 1909.

– Secretaria –

1- Da leitura do livro de atas de assembléias gerais, durante o ano administrativo nada houve de extraordinário, que motivasse a reunião de uma assembleia geral.

2- Da leitura do livro de atas do Clube vê-se que a diretoria, sem exceção alguma de seus membros, exerceu o seu mandato por todo tempo a ela marcada pelos estatutos.

3- Em 19 de Março de 1908, foi exonerado do cargo de contínuo e zelador do Clube João Theodoro de Almeida, e nomeado para substituí-lo o Sr. Dario Valença Appel, o qual faleceu pouco tempo depois, tendo sido registrado em ata com nota de pesar por tal passamento.

4- Durante o ano administrativo, entraram para o Clube 32 sócios novos, cujos nomes passo a citar: Dr. Serafim Terra, Theofilo Guimarães, Manoel de Araújo Bastos, Dr. José Dario de Vasconcelos, João Langaro, Santo Scaglia, Ângelo Pretto, João Corá, Herculano Trindade, Pedro Colaço da Silveira, Dr. Hjalma Tufvesson, Dr. Rodolpho Gubitz, Dr. Roberto de Cunha e Silva, Maximiliano Portaluppi, Alexandre Meich Kelt, Henrique Pavão, Fernando Pereira, Luiz Ferreira de Almeida, Leovegildo Varella, João Lustosa Ribas, Dr. Henrique Gürsching, Dorval de Oliveira Costa, Arthur Greppi, Sylvestre de Souza Lima, Arthur Canfield, Dr. Paulo Della Costa, Agostinho Ribas, Carlos Schech, Tranquilino Ribas Pinheiro Machado, Manoel Machado Vieira, Miguel Pinto de Moraes e Dario Machado Vieira.

5- Pediu demissão um sócio e foi exonerado outro por falta de pagamento.

6- Pediram licença por prazo indeterminado alguns e por seis meses outros sócios.

7- A secretaria dirigiu ofícios a todos os sócios novos e à redação de vários jornais do Estado, comunicando a posse da nova diretoria.

– Tesouraria –

8- Ao iniciar a sua ação, o tesoureiro publicou um edital n'º Gaúcho, chamando as pessoas que se julgassem criadoras do Clube a virem apresentar as suas contas no prazo de 30 dias, a fim de serem pagas, no caso de julgadas justas.

9- O movimento da tesouraria foi o seguinte:

Receita – 2.984\$500 N.º

Despesa – 2.201\$850 N.º

Saldo a favor do Clube: 782\$650 N.º

A despesa se acha justificada com os documentos arquivados na tesouraria.

– Biblioteca –

10- Apesar de não ter sido destinada verba alguma, ela aumentou, por isso que o Srs. Major Candido Rocha, Armando Annes, Dr. Inocêncio Borges da Rosa, Coronel Maurício Sinke, Juvêncio Farias e Dr. Nicolau Araújo Vergueiro tiveram a gentileza de ofertar diversos volumes de obras científicas e literárias.

11- Recebeu também ininterruptamente os seguintes jornais, que, em ofício, foram pedidos: O Gaúcho, Tribuna, Republicano, Gaspar Martins, Butucarahy, O Independente, Diário Popular, O Estado, A convenção, O Comércio, Gazeta Colonial e o Progresso.

12- O Clube tomou assinatura da Revista Leitura para Todos, que se publica na Capital Federal.

– Melhoramentos materiais –

13- Durante a minha gestão foram adquiridos os seguintes moveis: 4 dúzias de cadeiras finas, uma mesa comprida para a secretaria, 1 armário para a mesma, duas mesas redondas para jogos de cartas, duas caixas com fichas diversas, um jogo de xadrez, uma dúzia de tulipas, uma dúzia de bicos acetileno, diversos panos de mesa, sendo um muito fino.

14- Os consócios Eduardo Manoel de Araújo, Dr. Serafim Terra e Dr. Nicolau Vergueiro ofereceram ao Clube respectivamente, dois cabides para chapéus, uma caixa de fichas e uma mesa fina para jogo de xadrez.

15- Nas portas e janelas foram colocados vários vidros e feitas algumas composturas.

16- Após o falecimento do contínuo Dario Valença Appel, o Clube, por meio de editais, chamou concorrentes para o fornecimento do botequim.

Apresentaram propostas os Srs. Octávio Ignácio Godinho, Argymiro Lima, Dario Machado da Silva, tendo sido aceita esta última por ser a mais vantajosa. Dessa proposta, lavrou-se uma ata com diversas cláusulas, as quais têm sido cumpridas pelo atual zelador do Clube.

– Papel político –

17- A ação política do Clube durante o ano, que hoje finda, exerceu-se da maneira como consta na ata segunda do livro de atas, que o Dr. Secretário fará o obséquio de ler: (leu-se).

18- O Clube dirigiu telegramas aos Drs. Borges de Medeiros, Carlos Barbosa e à “Federação” por ocasião da eleição intencional, e ao Dr. Juvenal Müller pela sua nomeação ao cargo de vice-presidente do Estado. Desses telegramas, recebeu contestação.

– Lado moral e recreativo –

19- Por iniciativa da diretoria do Clube abriu-se uma subscrição, entre os sócios, em favor de João Theodoro de Almeida, até que este comece a perceber vencimentos como voluntário do Paraguai.

20- Acompanhando atencioso ofício o ilustre consócio e vice-presidente Francisco Antonino Xavier e Oliveira dirigiu, em papel acetinado, diversas quadrinhas de sua lavra, em comemoração à data da Independência Nacional.

21- Realizaram-se 2 sessões solenes, uma em 20 de Setembro e outra em 15 de Novembro.

22- Os salões do Clube foram, por diversas vezes, cedidos para saraus dançantes, para uma conferência literária do talentoso moço Roque Callage e para as festas religiosas do Espírito Santo e Conceição.

23- Pelos meados do ano passado, foi introduzido no Clube o jogo de pôquer, acontecimento esse que muito aumentou a frequência diária, constituindo mais um centro de diversão, ao lado dos jogos de xadrez, damas e gamão.

24- À diretoria foram dirigidos vários ofícios, que se acham arquivados, e feitas várias visitas de pessoas gradas ao Clube.

Ilustres consócios- eis aí, em ligeira resenha, aos trabalhos do meu período administrativo e ao dar posse à diretoria que vai ser eleita e tem de dirigir os destinos do Clube Pinheiro Machado, de Março de 1909 a Março de 1910, tenho a satisfação enorme de o fazer com a consciência tranquila, pois, procurando cumprir a grata incumbência que vós, imerecidamente, me legastes, creio que o fiz, visto como a nossa associação se acha em franco caminho de progresso.

Eu, em pessoa, pouco, muito pouco fiz e se aí está algo que se possa ver è devido tão somente aos excelentes companheiros de diretoria, de que procurei cercar-me.

O serviço da secretaria é impecável: o Sr. Dr. Inocêncio Borges da Rosa cumpriu à risca o seu papel; o da tesouraria, que é a base material de qualquer associação, é excelente e esteve sob a competência do Sr. Eduardo Manoel Araújo, e aí estão todos os documentos, toda a escrituração, como prova cabal do que afirmamos.

A biblioteca, dirigida pelo Sr. Major Candido Marques da Rocha progrediu, devido aos seus esforços.

Deixo, nestas linhas, os meus sinceros agradecimentos a todos os membros da diretoria e, ao terminar, faço ardentes votos para que a nova eleve cada vez mais o Clube Pinheiro Machado e lhe hipoteco, como simples sócio, toda a minha dedicação, todo o meu esforço.

Passo Fundo, 4 de Março de 1936.

261 PAULO BREVANE pg. 189

Em 1908, fundaram-se, nesta cidade, duas associações dramáticas: Grêmio Dramático Passofundense e Grêmio Dramático Soares de Medeiros, e, como vai sempre acontecer em lugar pequeno, o entusiasmo foi enorme, surgindo, desde logo, as naturais rivalidades que, dia a dia, cada vez mais acentuadas, chegaram

a separar a sociedade local: ou se era de um, ou de outro, neutro era que não. Eu pertencia ao Grêmio Passofundense.

Os espetáculos mensais tinham uma formidável concorrência.

Aqueles grêmios, que tinham por fim a construção de um confortável teatro em Passo Fundo, não tiveram muita vida, dois ou três anos no máximo: um matou o outro.

No auge do entusiasmo, mandavam vir clínicos ensaiadores.

Para o Soares de Medeiros, veio de Porto Alegre, o Sr. João Andronico Queiroz Ribeiro, bom artista, muito alegre, profundamente boêmio, a quem a tuberculose prendeu logo e derrubou em pouco tempo.

Para o Grêmio Passofundense veio, de Alegrete, o Sr. Vicente Paiva Bueno, homem de certa cultura, melhor artista que o outro, muitíssimo pobre e com uma família enorme. Paiva Bueno era um tipo dinâmico: artista, operário, jornalista, advogado. Tornei-me amigo de ambos, mais muito mais de Paiva Bueno. Este faleceu, nesta cidade, em consequência de uma lesão cardíaca, alguns anos depois.

Paiva Bueno, que usava o pseudônimo de Paulo Brevane, publicou, n'O Gaúcho, de 12 de Março de 1910, o seguinte artigo, sobre o meu aniversário natalício:

- Completou, no dia 7 do corrente, o vigésimo oitavo aniversário de uma existência útil e proveitosa, o nosso talentoso amigo e companheiro de redação, Dr. Araújo Vergueiro, ilustrado e popular médico, nosso conterrâneo. Desejámos, se bem que tarde, não só saudá-lo cordialmente, como também nos associarmos à alegria, no júbilo que reinou no seio da sua exma. família, por esse justo motivo.

Ele vai, de dia a dia, tornando-se um benemérito de nossa terra, e essa benemerência é conquistada no apostolado da ciência, em que o seu vasto talentoso fulgura e a sua grande alma se santifica; é conquistada pelo amor da humanidade que é o soberano inspirador de seus atos; é conquistada ainda,

porque o nosso digno amigo possui um espírito superior, uma alma fidalga, cavalheiresca e feita, pronta sempre a todas as dedicações.

O ilustrado Dr. Vergueiro é uma individualidade que, sem o querer, sem o ambicionar, mas pelo seu próprio valor, inescurecível dos seus reconhecidos méritos, destaca-se tanto da vulgaridade como um raio de luz na escuridão; pela superioridade de seu caráter, pela nobreza de seus elevados sentimentos, dotes e virtudes, pela sua extraordinária modéstia, esse delicado véu diáfano, com que procura sempre esconder o valor que possui, tens conquistado uma extraordinária popularidade, e os seus admiradores desejam o prolongamento de sua preciosa existência, porque nos impulsos afetivos de sua grande admiração eles procuram indicá-lo como um forte pedestal, que será o amparo do futuro grandioso da nossa terra.

Tudo é de esperar de quem, excelas virtudes, possui a força do talento e o esplendor da mocidade.

XII-III-MCMX (assinado Paulo Brevane).

- ao encerrar esta “nota”, revejo com saudades, e nitidamente, apesar de mais de 20 anos de seu falecimento, a figura do prezado, bom e alegre amigo, que passou, pela vida, numa contínua e suarenta luta, de trabalho e de dedicação, sempre no ingente esforço de dar à sua numerosa família o honrado pão nosso de cada dia, e, cerrando os olhos, em sincera concentração espiritual, peço ao grande Deus, todo poderoso, toda a sua infinita bondade, não só pela alma de Vicente Paiva Bueno como também pela de João Andronico de Queiroz Ribeiro. Que tenham no céu a encantada e nunca conseguiram na

desejada felicidade que terra!

Passo Fundo, 5 de

Março de 1936.

